

**ROSÂNGELA CARLA DE OLIVEIRA MÜLLER**

**ARTESANATO REGIONAL: CASA DO MASSA BARRO**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL  
MESTRADO ACADÊMICO  
CAMPO GRANDE – MS  
2005**

**ROSÂNGELA CARLA DE OLIVEIRA MÜLLER**

**ARTESANATO REGIONAL: CASA DO MASSA BARRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – *Mestrado Acadêmico*, pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a orientação do Prof. Dr. Aparecido Francisco dos Reis.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL**  
**MESTRADO ACADÊMICO**  
**CAMPO GRANDE – MS**  
**2005**

**Ficha catalográfica**

**Muller, Rosângela Carla de Oliveira**

**M958a Artesanato regional: Casa do Massa Barro / Rosângela Carla de Oliveira Müller; orientação, Aparecido Francisco dos Reis. 2005  
88 f. + anexos**

**Dissertação (Mestrado ) – Universidade Católica Dom Bosco,  
2005**

**Inclui bibliografias**

**1.Artesanato – Inclusão social 2. Desenvolvimento local 3.  
Cultura regional I. Reis, Aparecido Francisco dos II. Título**

**CDD – 338.98171**

**BANCA EXAMINADORA**

**Orientador - Prof. Dr. Aparecido Francisco dos Reis**

**UCDB**

**Prof. Dr. Antonio Jacó Brand**

**UCDB**

**Prof. Dr. José Zuchiwschi**

**Ministério da Educação**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, meu Senhor e Salvador, por seu amor incondicional e por sua companhia constante em todos os momentos.

À minha família pela dedicação, pela estrutura emocional, psicológica e financeira, que me deram. Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

Especialmente à minha mãe pela paciência, força, sensibilidade, generosidade e companheirismo sempre fundamentais em minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Estou particularmente agradecida pela colaboração oferecida pela Casa do Massa Barro, através de sua Diretoria e associados. Quero agradecer especialmente a Sra. Ida Sanches Monaco e Sr. Carlos Alberto Monaco através dos quais foi possível conhecer a realidade de funcionamento de uma associação artesanal em cerâmica.

Aos meus colegas do mestrado pelo aprendizado, troca de experiências e ajuda nos momentos necessários.

Muito obrigada ao Prof. Dr. Aparecido Francisco dos Reis e à Prof. Dra. Maria Augusta de Castilho pela paciência, pelos conselhos, pelas críticas construtivas que ajudaram a realizar este trabalho.

À Roosiley dos Santos Souza pela ajuda na obtenção de dados, e, muito mais pela sua amizade, hospitalidade e disponibilidade em me atender sempre que eu precisava. Serei sempre grata a você e sua família.

A todos os meus professores, que através de um intenso intercâmbio de experiências, me permitiram acumular conhecimentos que muito me ajudaram a realizar este trabalho.

Muito obrigada a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste Relatório.

## RESUMO

A Casa do Massa Barro é uma associação localizada na cidade de Corumbá-MS, fundada em outubro de 1982 (há 23 anos). É formada por voluntários (Diretoria e associados). Trata-se de uma associação artesanal, sem fins lucrativos que foi formada com crianças e rapazes da região da Cervejaria. A associação é destinada principalmente a trabalhos em cerâmica, não excluídas, porém, outras atividades correlatas, sob a orientação das senhoras Ida Sanches Monaco e Josephina Por Deus da Silva. O objetivo principal é despertar e estimular nas crianças e rapazes carentes da região, o gosto pela cerâmica e ao artesanato em geral. Tem um “aspecto de inclusão social” à medida que através do artesanato seja proporcionado às crianças, de uma maneira geral, tirá-las da rua e da marginalidade, colaborando assim com a comunidade ao lhes dar uma atividade e uma ocupação. Com a argila as crianças e adolescentes, artesãos na entidade, modelam exemplares com riqueza de detalhes: são figuras de tuiuiús, garças brancas, jacarés, capivaras, araras, tucanos e onça-pintada. As peças são difundidas e valorizadas no Brasil e na Europa. Tem também a imagem de São Francisco estilizada e a imagem de Nossa Senhora do Pantanal. O aspecto social do artesanato, por possibilitar ao artesão, melhores condições de vida e atuar contra o desemprego, pode ser considerado elemento de inclusão social, onde o artesão também desempenha um papel relevante na comunidade e sua arte é fator de prestígio. O artesanato abrange, entre outros, os valores social, artístico, pedagógico, cultural e psicológico.

**Palavras-chave:** Cultura, sociedade, desenvolvimento local, inclusão social.



## ABSTRACT

The Casa do Massa Barro is an association located in the city of Corumbá-MS, established in October of 1982 (it has 23 years). It is formed by volunteers (Direction and associates). One is about an artisan association, without lucrative ends that were formed with children and youngsters of the region of the Cervejaria. The association is mainly destined the works in ceramics, not excluded, however, other activities correspondent, under the orientation of the ladies Ida Sanches Monaco and Josephina Por Deus da Silva. The main objective is to awake and to stimulate in the children and devoid youngsters of the region, the taste for ceramics and to the artesanato in general. It has a "aspect of social inclusion" to the measure that through the artesanato is proportionate to the children, in a general way, to take off them of the street and the marginality, thus collaborating with the community to giving to an activity and an occupation to them. With the clay the children and adolescents, craftsmen in the entity, shape units with wealth of details: they are figures of tuiuiús, garças white, alligators, capivaras, you plough, Toucans and ounce-paint. The parts are spread out and valued in Brazil and the Europe. It also has the stylish image of San Francisco and the image of Ours Lady of the Pantanal. The social aspect of the artesanato, by making possible the craftsman, better conditions of life and acting against the unemployment, can be considered element of social inclusion, where the craftsman also plays an excellent role in the community and its art is prestige factor. The artesanato encloses, among others, the values social, artistic, pedagogical, cultural and psychological.

**Key-Words** : Culture, society, local development, social inclusion.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Índice de Desenvolvimento Humano .....	42
Quadro 2 -	Economia : extração, indústria, pecuária e turismo .....	49
Quadro 3 -	Finanças Públicas .....	49
Quadro 4 -	Firmas Formais .....	50
Quadro 5 -	Emprego Formal .....	50
Quadro 6 -	Principais Setores de Atividade .....	50

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 -	Localização Corumbá .....	38
Mapa 2 -	Inclusão/Exclusão Social .....	45
Mapa 3 -	IDH Municipal 1991 .....	46
Mapa 4 -	IDH Municipal 2000 .....	47
Mapa 5 -	Localização Massa Barro (mapa estilizado) .....	56

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Censo de Corumbá.....	39
-------------	-----------------------	----

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 -	Vista aérea de Corumbá .....	25
Foto 2 -	Vista do casario do porto em Corumbá .....	35
Foto 3 -	Casa do Massa Barro .....	51
Foto 4 -	Ida Sanches Monaco e Josephina Por Deus da Silva .....	52
Foto 5 -	Carlos Alberto Mônaco.....	53
Foto 6 -	Lourival Moraes Fernandes .....	54
Foto 7 -	Enilson Rosa de Campos .....	55
Foto 8 -	Pequenos artesãos atuando .....	57
Foto 9 -	Forno com peças para queimar .....	60
Foto 10 -	Peças mais vendidas .....	61
Foto 11 -	Artesão Ricardo trabalhando na Casa do Massa Barro .....	67

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>4</b>
<b>2 ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>25</b>
<b>2.1 CORUMBÁ .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2 ARTESANATO REGIONAL: CASA DO MASSA BARRO.....</b>	<b>51</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>73</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>76</b>

## INTRODUÇÃO

Estamos vivendo sob a força da globalização que transforma tudo em provisório e variável, as pessoas assumem identidades diferentes em diferentes momentos. Pelas necessidades de sobrevivência e de comercialização e por sofrer as pressões dos imperativos de mercado, o artesão corre o risco de desvirtuar a essência do produto original, fabricado artesanalmente, perdendo valores e tradições, descaracterizando a sua identidade. O artesanato regional de Corumbá, especificamente da Casa do Massa Barro, para obter um diferencial qualitativo, e/ou uma identidade comercial para os seus produtos precisa saber qual o significado visual e comercial do artesanato regional na identidade cultural da população local.

Esta Dissertação de Mestrado tem por objetivo identificar e analisar o artesanato regional com vistas à criação de um diferencial qualitativo, ou uma identidade comercial para os produtos artesanais da Casa do Massa Barro, onde será buscado:

- a) Levantar a produção artesanal do Massa Barro em Corumbá-MS;
- b) Analisar a relação entre os elementos visuais com a identidade cultural regional;
- c) Identificar e analisar a possibilidade de utilizar esse artesanato no Desenvolvimento Local.

Dentro de um caráter especificamente qualitativo das ciências sociais que a metodologia foi desenvolvida, onde não há exatamente uma preocupação em quantificar e sim em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos.

A metodologia de pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças valores e atitudes das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em números estatísticos.

Os procedimentos metodológicos foram divididos em duas etapas. Na primeira etapa consta dos Levantamentos de Dados. Foi realizado através de trabalho de “campo”, ou seja, levantamento bibliográfico, fotográfico e observação participante. O levantamento bibliográfico é uma dinâmica fundamental para qualquer tipo de pesquisa, pois, permite articular conceitos e é indispensável para a pesquisa básica. Nos levantamentos fotográficos através de visitas ao Massa Barro se registrou as atividades desenvolvidas pelos artesãos e o produto (objeto artesanal). Na observação participante o trabalho visou estabelecer a relação entre a subjetividade da criação artesanal com a identidade da cultura local. A importância dessa técnica, conforme Minayo (1994), reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos, que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

Na segunda etapa foram realizados a Análise e Tratamento de Dados. A análise tem como proposta de interpretação qualitativa de dados o “método hermenêutico-dialético” (Minayo, 1992). Nesse método, segundo Minayo, a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida. O primeiro nível de interpretação, com base nesta proposta, foram as determinações fundamentais: contexto sócio-histórico (conjuntura sócio-econômica e política, história) definida na fase exploratória da pesquisa. O segundo nível



baseou-se no encontro que realizamos com os fatos surgidos, entre outros, as comunicações individuais, as observações de condutas e costumes.

Para operacionalização desta proposta de Análise e Tratamento de Dados, foram realizados três passos. No primeiro a ordenação dos dados com o mapeamento de todos os dados obtidos no trabalho de campo. No segundo passo temos a classificação dos dados onde através de uma leitura exaustiva e repetida dos textos, estabelecemos interrogações para identificarmos o que surge de relevante (“estruturas relevantes dos atores sociais”). E finalmente, no terceiro temos as considerações finais onde se estabeleceu articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões da pesquisa com base em seus objetivos. Para Minayo (1992, p.79) “o produto final de uma análise de uma pesquisa, por mais brilhante que seja, deve ser encarado de forma provisória e aproximativa”.

# 1 REFERENCIAL TEÓRICO

Para Berger (1985) não pode haver realidade social sem o homem, e também se pode afirmar, no entanto, que o homem é produto da sociedade. Assim, continua o autor, toda biografia individual é um episódio dentro da história da sociedade, que a precede e lhe sobrevive. O homem produz um mundo para poder estabelecer-se e realizar a sua vida, e esse mundo criado é a cultura:

Em outras palavras, o homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo. Mais precisamente \_ ele se produz a si mesmo num mundo.

No processo da construção de um mundo, o homem, pela sua própria atividade, especializa os seus impulsos e provê-se a si mesmo de estabilidade. Biologicamente privado de um mundo do homem, constrói um mundo humano. Esse mundo, naturalmente, é a cultura.

[...]

A cultura, embora se torne para o homem uma “segunda natureza”, permanece algo de muito diferente da natureza, justamente por ser o produto da própria atividade do homem. Suas estruturas são, por conseguinte, inerentemente precárias e predestinadas a mudar. O imperativo cultural da estabilidade e o caráter de instabilidade inerente à cultura lançam conjuntamente o problema fundamental da atividade do homem de construir o mundo.

[...]

A cultura consiste na totalidade dos produtos do homem. Alguns destes são materiais, outros não.

[...]

Há boas razões para pensar que a produção de uma cultura não material foi sempre de par com a atividade do homem de modificar fisicamente seu ambiente. Seja como for, a sociedade, naturalmente, nada mais é do que parte e parcela da cultura não-material. (BERGER, 1985, p.15-20)

Cultura, segundo Escola de Belas Artes<sup>(1)</sup>, da Universidade Federal de Minas Gerais, em seu trabalho *Arte e Artesanato* (2001), são maneiras diversas para resolver os problemas da vida associativa e a arte, parte da cultura e uma necessidade do homem, é comunicação, sem a qual a cultura não seria transmitida:

(...) Cultura são maneiras de pensar, sentir, crer e fazer, criadas e desenvolvidas por uma sociedade para resolver os problemas da vida associativa. Tais maneiras incluíam as atividades econômicas, a tecnologia rudimentar, as práticas religiosas, a moral, a magia, as artes, a mitologia, a música, as práticas Shamanísticas, de curandeirismo e outras.

Nosso ponto de vista é o de que a arte é comunicação e, sem os mecanismos de comunicação, evidentemente, a cultura não poderia ter sido transmitida, pelos menos em parte, as gerações seguintes.

[...]

A arte é uma necessidade do homem, e tudo que sabemos sobre o homem em suas primeiras épocas (além de suas ossadas) \_ deve-se ao artesanato. O homem primitivo escavou, gravou ou pintou nas paredes rochosas dos seus abrigos, mas o homem da Pré - História; bem, as primeiras manifestações da arte Pré – Histórica foram pequenas estatuetas ou incisões, além de utensílios de pedra talhada.

Bosi (1995, p. 13-14), em seu trabalho *Reflexões sobre a Arte* afirma que arte é conhecimento, é construção, é um fazer, e assim, nesse sentido, qualquer atividade humana desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística:

A arte é um fazer. A Arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se *transforma* a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística.

[...]

A arte é uma produção; logo, supõe trabalho. Movimento que arranca o ser do não ser, a forma do amorfo, o ato da potência, o cosmos do caos. *Techné* chamavam-na os gregos; modo exato de perfazer uma tarefa, antecedente de todas as técnicas dos nossos dias.

A palavra latina *ars*, matriz do português arte, está na raiz do verbo articular, que denota a ação de fazer juntas as partes de um todo. Porque eram operações estruturantes, podiam receber o mesmo nome de arte não só as atividades que visavam a comover a alma (a música, a poesia, o teatro), quanto os ofícios de artesanato, a cerâmica, a tecelagem e a ourivesaria, que aliavam o útil ao belo. Aliás, a distinção entre as primeiras e os últimos, que se impôs durante o Império Romano, tinha um claro sentido econômico-social. As *artes liberales* eram exercidas por homens livres; já os ofícios, *artes serviles*, relegavam-se a gente de condição humilde. E os termos artista e artífice (de *artifex*: o que faz a arte) mantém hoje a milenar oposição de classe entre o trabalho intelectual e o trabalho manual.

O pensamento moderno recusa, não raro, o critério hierárquico dessa classificação. O exercício intenso da criação demonstra, ao contrário, que existe uma atração

---

<sup>(1)</sup> <http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/26marco.html>

fecunda entre a capacidade de formar e a perícia artesanal. No pintor trabalham em conjunto a mão, o olho e o cérebro. No mais humilde dos trabalhadores manuais, adverte Gramsci, há uma vida intelectual, às vezes atenta e aguda, dobrando e plasmando a matéria em busca de novas formas, ainda que, no jogo social, o artífice não receba o grau de reconhecimento prestado ao artista.

Langer (1980, p. 15-24) faz questionamentos como o que induz um artista a compor seu trabalho, o que faz parte deste, o que o artista quer dizer (se quiser dizer algo) com ele, ou ainda, o que fazem, ou significam, as obras de arte em relação a nós. Cita assim pequeno artigo de Otto Baensch intitulado “Kunst und Gefühl”, publicado em Logos em 1923 onde este propõe que a função da arte, como a da ciência é fazer com que o espectador conheça algo que não conhecia antes:

Nas reflexões seguintes[...] espero provar que a arte, como toda ciência, é uma atividade mental pela qual trazemos certos aspectos do mundo para o campo da cognição objetivamente válida; e, que, além do mais, é a função especial da arte fazê-lo em relação aos aspectos emocionais do mundo. De acordo com este ponto de vista, portanto, a função da arte não é dar, a quem percebe, alguma espécie de prazer, por mais nobre que ele possa ser, mas dar-lhe o conhecimento de algo que não conhecia antes. A arte, exatamente como a ciência, tem por objetivo primário ser “entendida”, (...) Mas, uma vez que aquilo de que ela nos dá consciência é sempre de caráter emotivo, normalmente faz surgir, de maneira mais ou menos imperativa, uma reação de prazer ou desprazer no sujeito da percepção. Isso explica bem rapidamente como surgiu a opinião errônea de que o deleite e o assentimento de quem percebe são os critérios da arte.

O estado de espírito de uma paisagem parece-nos ser dado objetivamente com ela como de um de seus atributos, pertencendo-lhe exatamente como qualquer outro atributo que percebemos nela. (...) Jamais pensamos em considerar a paisagem como um ser sensível cujo aspecto exterior “expressa” o estado de espírito que contém subjetivamente. A paisagem não expressa o estado de espírito, mas o *tem*; o estado de espírito a rodeia, preenche-a e penetra nela, como uma luz que a ilumina ou o odor que exala; o estado de espírito faz parte de nossa impressão total da paisagem e pode apenas ser distinguida como um de seus componentes através de um processo de abstração.

É possível, afirma Langer (1980, p. 27), evidentemente, procurar qualquer espécie de expressão que queiramos, pois uma obra de arte freqüentemente é uma expressão espontânea do sentimento, isto é, um sintoma do estado de espírito do artista. Assim, segundo esta autora, pode-se dizer que ela “expressa”, em outro sentido, a vida da sociedade da qual se origina, para indicar costumes, vestimentas, comportamento, e para refletir confusão ou decoro, violência ou paz:

Podemos, evidentemente, procurar qualquer espécie de expressão que queiramos, e até existe uma boa possibilidade de que, seja ele qual for, nós a encontramos. Uma obra de arte freqüentemente é uma expressão espontânea do sentimento, isto é, um sintoma do estado de espírito do artista. Se representar seres humanos, provavelmente também reproduzirá algum tipo de expressão facial que sugira os sentimentos supostamente nutridos por aqueles seres. Além disso, pode-se dizer que ela “expressa”, em outro sentido, a vida da sociedade da qual se origina, a saber, para *indicar* costumes, vestimentas, comportamento, e para refletir confusão ou decoro, violência ou paz. E, além de todas essas coisas, ela expressa com certeza os pesadelos e desejos inconscientes de seu autor. Tudo isso pode ser encontrado em museus e galerias, se quisermos notá-lo.

Segundo Langer (1980, p. 63, 411-416), não existem classificações para arte, pois encontramos todos os princípios abstração, liberdade plástica, expressividade mesmo nas obras ‘mais inferiores’:

Sempre que a habilidade artesanal é arte, estes princípios \_abstração, liberdade plástica, expressividade\_ são totalmente exemplificados, mesmo nas obras mais inferiores. Alguns teóricos atribuem valores diferentes às várias manifestações de arte (por exemplo, desenho puro, ilustração, pintura de cavalete), classificando-as como tipos “inferiores” e “superiores”, dos quais apenas os “superiores” são expressivos e os “inferiores” meramente decorativos, dando um prazer sensorial sem nenhum importe maior. Uma distinção desse tipo, porém, lança confusão em qualquer teoria da arte. Se “arte” significa algo, sua aplicação deve basear-se em um critério essencial, não em vários critérios desvinculados \_expressividade, agradabilidade, utilidade, valor sentimental, e assim por diante. Se a arte é “a criação de formas expressivas do sentimento humano”, então a gratificação dos sentidos deve ou servir esse propósito, ou ser irrelevante; e, eu concordo plenamente com Thomas Mann em que não há artes superiores e inferiores, parciais e suplementares, mas, como ele o expressou: “A arte é inteira e completa em cada uma de suas formas e manifestações; não precisamos somar as diferentes espécies para formar um todo.”

[...]

Toda boa obra de arte é bela; no momento em que achamos assim, aprendemos sua expressividade, e até que o façamos, não a teremos visto como boa obra de arte, embora possamos ter amplas razões intelectuais para acreditar que o é. [...]

[...]

Acima de tudo, entretanto, a arte penetra profundamente na vida pessoal, ao dar forma ao mundo, ele articula a natureza humana: sensibilidade, energia, paixão e mortalidade. Mais do que qualquer outra coisa na experiência, as artes moldam a nossa vida real de sentimento. [...]

Nesse contexto, Langer afirma que a arte não afeta a viabilidade da vida tanto quanto afeta sua qualidade e nesse sentido ela é afim à religião já que esta é força dominante na sociedade, (1980, p. 417 e 420):

A arte não afeta a viabilidade da vida tanto quanto afeta sua qualidade; a esta, entretanto, afeta profundamente. Nesse sentido ela é afim à religião, que também, ao menos em sua fase primitiva, vigorosa, espontânea, define e desenvolve sentimentos

humanos. Quando a imaginação religiosa é a força dominante na sociedade, a arte dificilmente é separável dela; pois uma grande abundância de emoções reais acompanha a experiência religiosa, e mentes intatas, sem mácula, lutam alegremente por sua expressão objetiva, e são levadas além da ocasião que desencadeou seus esforços a fim de perseguir as mais remotas possibilidades das expressões que encontraram. Em uma época em que se diz que a arte serve a religião, a religião na realidade está alimentando a arte. O que for sagrado para as pessoas inspira a concepção artística.

[...]

A arte está tão adequadamente à vontade no entretenimento, quanto na religião. [...]

Para Rosendahl (2002) religião é uma prática social e, também, sempre foi parte integrante da vida do homem como se fosse uma necessidade sua para entender a vida. Segundo a autora, é tida como uma experiência do sobrenatural, uma experiência independente da razão, envolvendo coisas do domínio do sagrado e coisas do domínio do profano:

[...] No entanto, como se verá, geografia e religião são, em primeiro lugar, duas práticas sociais. [...] A religião, por outro lado, sempre foi parte integrante da vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida.

[...]

[...] pode-se dizer que as opiniões formuladas sustentam que a religião é uma experiência humana fundamental, definida mais simplesmente como a experiência do sobrenatural, uma experiência independente da razão. [...]

[...]

A reflexão sobre o sagrado envolve a consideração do profano. Ele se apresenta absolutamente diferente do profano, isto é, o primeiro relaciona-se a uma divindade e o segundo não. O ato da manifestação do sagrado é indicado pelo termo hierofania, que etimologicamente significa algo de sagrado que se revela. [...] São inúmeras as hierofanias. A manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma árvore, uma pedra, ou uma pessoa implica em algo de misterioso, ligado à realidade que não pertence ao nosso mundo.

O ser humano, ao aceitar a hierofania, experimenta um sentimento religioso em relação ao objeto sagrado. Não se trata de uma veneração do objeto enquanto tal, e sim da adoração de algo sagrado que ele contém e que o distingue dos demais. A cruz de madeira, por exemplo, se revela para o cristão como sagrada e aponta para uma realidade sobrenatural, para algo que não está ali. [...]

[...]

[...] O sagrado e o profano se opõem e, ao mesmo tempo, se atraem. Jamais, porém, se misturam.

[...]

#### Espaço-Sagrado

Definimos o espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. Produção cultural, o espaço sagrado é o resultado de uma manifestação do sagrado, revelada por uma hierofania espacialmente definida.

### Espaço Profano

Constitui-se naquele espaço ao “redor” do espaço sagrado. Em relação ao espaço profano aplicam-se as interdições aos objetos e coisas que estão vinculadas ao sagrado, numa realidade diferenciada da realidade sagrada. Através da segregação que o sagrado impõe à organização espacial, identifica-se o espaço profano diretamente vinculado ao sagrado e o espaço profano indiretamente vinculado. O comércio e o lazer, nas hierópolis, estão nos espaços profanos.

### Hierofania

Termo proposto por Mircea Eliade (1962) para designar a manifestação do sagrado em objetos ou pessoas. [...]

### Hierópolis ou cidades-santuários

Refere-se às cidades que possuem uma ordem espiritual predominante e marcadas pela prática religiosa da peregrinação ou romaria ao lugar sagrado. [...] (ROSENDAHL, 2002, p. 11;18; 27; 31; 81-82)

A função social da arte é primordial para qualquer civilização, segundo a Escola de Belas Artes/UFMG (2001) <sup>(2)</sup>, pois o artista age onde somos impotentes:

A função social da arte é primordial para qualquer civilização, seja na pintura rupestre, seja contando uma história, seja erigindo templos com bela talha e magnífica pintura, seja construindo chafarizes ou pontes, seja mostrando a história que permeia nossa vida através das artes plásticas, fotos, filmes etc. O artista age onde somos impotentes, é esse poder de subverter a realidade que faz com que a beleza da arte seja de valia a qualquer povo, se esse povo puder mesclá-la com sua realidade.

[...]

Numa análise da formação de uma determinada cultura, poderia ser ali verificado que a mesma é, ou pode ser, constituída de diferentes tipos de culturas conforme a sua origem. Poderíamos ali observar, como ainda aponta BOSI, uma cultura erudita, uma cultura popular, uma cultura de massas e uma cultura criadora - a partir de indivíduos ou grupos destes que trabalham com a criação artística (não alinhavados diretamente com as demais formas de cultura).

Se vivemos numa sociedade dividida em classes sociais, com elementos com condições econômicas e educacionais distintas, provenientes de diferentes lugares, cada um deles, ou cada grupo deles, terá um saber próprio - independente dos meios de comunicação de massa - que é compartilhado em seu grupo e com elementos fora dele. Este saber poderá ser denominado sua cultura ou cultura popular.

Cultura popular "é a cultura que o povo faz no seu cotidiano e nas condições em que ele a pode fazer ... Se o sistema social é democrático, se o povo vive em condições - digamos razoáveis de sobrevivência - ele próprio saberá gerir essas condições para que a sua cultura seja conservada." (BOSI, p.44)

A cultura popular "remete a um amplo espectro de concepções e pontos de vista que vão desde a negação (implícita ou explícita) de que os fatos por ela identificados contenham alguma forma de saber, até o extremo de atribuir-lhes o papel de resistência contra a dominação de classe". (ARANTES, p. 7)

"É importante salientar que se constituiu entre os pesquisadores uma certa estereotipia no sentido de que a grande maioria dos estudos sobre cultura popular versa sobre atividades artísticas e/ou religiosas. Há uma razão para isso, entretanto. Na verdade, essas esferas da atividade social, entre outras (por exemplo, magia e

---

<sup>(2)</sup> Idem p. 5

feitiçaria), são estratégicas para o estudo da cultura, na medida em que são constituídas socialmente com instâncias de reflexão e ação simbólica por excelência." (ARANTES, p.59)

Ao estudar a cultura popular de um povo, automaticamente, se estará estudando o seu folclore.

A palavra folclore vem do inglês antigo - folklore - significando discurso do povo, sabedoria do povo, conhecimento do povo. Este nome já foi, em fins do século XIX, relacionado à "disciplina que se especializa no saber e nas expressões subalternas." (CANCLINI, p. 209)

[...]

Detendo-se nas questões arte e artesanato, começamos a identificar o fazer que distingue cada uma delas... Que arte na realidade não se aprende. Existe, é certo, dentro da arte, um elemento, o material, que é necessário por em ação, mover, para que a obra de arte se faça. O som em suas múltiplas maneiras de se manifestar, a cor, a pedra, o lápis, o papel, a tela, a espátula, são o material de arte que o ensinamento facilita muito a por em ação. Mas nos processos de movimentar o material, a arte se confunde quase inteiramente com o artesanato. Pelo menos naquilo que se aprende. Afirmemos, sem discutir por enquanto que todo o artista tem de ser ao mesmo tempo artesão. Isso parece incontestável e, na realidade, perscrutamos a existência de qualquer grande pintor, escultor, desenhista ou músico, encontramos sempre por detrás do artista, o artesão.

O artesanato, os segredos, os caprichos, as exigências do material, isso é assunto ensinável, e de ensinamento por muitas partes dogmático, a que fugir será sempre prejudicial para a obra de arte. E se um artista é verdadeiramente artista, ou seja, está consciente do seu destino e da missão que se deu para cumprir no mundo, ele chegará fatalmente àquela verdade de que, em arte, o que existe de principal é a obra de arte.

Foram os próprios filósofos escolásticos, que espantosamente foram os que mais claro afirmaram isso quando, ao porem a arte no domínio do "Fazer", dela disseram ter "uma finalidade, regras e valores, que não são os do homem propriamente, mas da obra de arte a ser feita". Está claro que o ser a obra de arte a finalidade mesma da arte, não exclui os caracteres e exigências humanos, individuais e sociais, do artefazer. Pois a arte continua essencialmente humana, se não pela sua finalidade, pelo menos pela sua maneira de operar.

O artesanato é uma parte da técnica da arte, a mais desprezada infelizmente, mas a técnica da arte não se resume no artesanato. O artesanato é a parte da técnica que se pode ensinar mas há uma parte da técnica de arte que é por assim dizer, a objetivação, a concretização de uma verdade interior do artista. Esta parte da técnica obedece segredos, caprichos imperativos do ser subjetivo, em tudo o que ele é, como indivíduo e como ser social. Isto não se ensina e reproduzir é imitação. Isto é o que chamamos a técnica de Rembrant, e Fra Angelico ou de Renoir, que divergem os três profundamente não apenas na concepção do quadro, mas conseqüentemente na técnica do fazer.

[...]

No processo evolutivo da raça humana, a atividade econômica deve ser examinada como etapa inicial. Sem trabalho, o homem não avança sequer um palmo na via esplendida do progresso. E foram as mãos que abriram o caminho para a longa e vitoriosa jornada que inda prossegue.

Desde tempos remotos, conforme vimos, o homem inventou e fez instrumentos, e descobriu processos que lhe aumentaram a eficácia da ação produtiva. À soma de tais possessos acreditamos poder chamar artesanato, embora nascente, porque, àquela época, eram as técnicas reduzidas em número e bastante elementares.



Pode-se esperar classificar um mundo de objetos que se modifica diante de nossos olhos e chegar a um sistema descritivo, pergunta Baudrillard (2000, p. 9-10e 33). Para o autor o objeto é fundamentalmente antropomórfico, ou seja, de aplicação a algum domínio da realidade social, biológica, física, ou ainda, na linguagem e em conceitos próprios do homem e do seu comportamento:

[...] Pode-se esperar classificar um mundo de objetos que se modifica diante de nossos olhos e chegar a um sistema descritivo? Existiriam quase tantos critérios de classificação quantos objetos: segundo seu tamanho, grau de funcionalidade (que vem a ser a correspondência com sua própria função objetiva), o gestual que a eles se liga (rico, pobre, tradicional ou não), sua forma, sua duração, o momento do dia em que emergem (presença mais ou menos intermitente e a consciência que dela se tem), a matéria que transformam (quanto ao moedor de café isto é claro, mas quanto ao espelho, ao rádio, ao automóvel? Pois todo objeto transforma alguma coisa), o grau de exclusividade ou de socialização no uso (privado, familiar, público, indiferente) etc. [...] Não se trata pois dos objetos definidos segundo sua função ou segundo as classes em que se poderia subdividi-los para comodidade da análise, mas dos processos pelos quais as pessoas entram em relação com eles e da sistemática das condutas e das relações humanas que disso resulta.

[...]

O objeto: este figurante humilde e receptivo, esta espécie de escravo psicológico e de confidente tal como foi vivido na cotidianidade tradicional e ilustrado em toda a arte ocidental até nossos dias, tal objeto refletiu uma ordem total ligada a uma concepção bem definida do cenário e da perspectiva, da substância e da forma. [...] Na criação ou fabricação de objetos o homem se faz, pela imposição de uma forma que é cultura, transsubstanciador da natureza: é a filiação das substâncias, de idade em idade, de forma em forma, que institui o esquema original de criatividade: criação *ab utero* com toda a simbólica poética e metafórica que acompanha. Assim, sendo o sentido e o valor provenientes da transmissão hereditária das substâncias sob jurisdição da forma, o mundo é vivido como dado (é sempre assim no inconsciente e na infância), e o projeto é revelá-lo e perpetuá-lo. Também a forma ao circunscrever o objeto faz com que uma parcela da natureza fique incluída nele tal como o corpo humano: o objeto é fundamentalmente antropomórfico.

Devido ao fato antropológico básico da essencial sociabilidade do homem, a sociedade ocupa uma posição privilegiada entre as formações culturais do homem, embora, afirma Berger (1985), nos apareça como apenas um aspecto da cultura:

[...]

*O homo sapiens* é o animal social. Isto significa muito mais do que o fato superficial de que o homem sempre viva em coletividades e perde de fato, a sua humanidade quando é afastado do convívio dos outros homens. E o que se reveste de muito maior importância à atividade do homem de construir um mundo é sempre inevitavelmente um empreendimento coletivo.

[...]

É trabalhando juntos que os homens fabricam instrumentos, inventam línguas, aderem a valores, concebem instituições, e assim por diante.

[...]

A sociedade é, portanto, não só resultado da cultura, mas uma condição necessária dela. A sociedade estrutura, distribui e coordena as atividades de construção do mundo desenvolvidas pelo homem. E só na sociedade os produtos dessas atividades podem durar.

[...]

A objetividade da sociedade se estende a todos os seus elementos constitutivos. As instituições, os papéis e identidades existem como fenômenos objetivamente reais do mundo social, embora eles e este mundo sejam ao mesmo tempo produções humanas. (BERGER, 1985, p. 20-26)

Para Cuche (1999) a noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais, necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos, mais que isso, o homem é essencialmente um ser de cultura. E quando ao longo de sua evolução “substitui” (grifo do autor) os instintos pela cultura é por ser esta mais flexível, mais fácil e rapidamente transmissível, e lhe permite adaptar-se ao meio, adaptar este meio a si próprio, a suas necessidades e seus projetos:

O longo processo de hominização, começado há mais ou menos quinze milhões de anos consistiu fundamentalmente na passagem de uma adaptação genética ao meio ambiente natural a uma adaptação cultural. Ao longo desta evolução, que resulta no *Homo sapiens sapiens* o primeiro homem, houve uma formidável regressão dos instintos, “substituídos” (grifo do autor) progressivamente pela cultura, isto é, por esta adaptação imaginada e controlada pelo homem que se revela muito mais funcional que a adaptação genética por ser muito mais flexível, mais fácil e rapidamente transmissível. A cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza. (CUCHE, 1999, p. 9-10)

A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura, nada é puramente natural no homem (CUCHE, 1999). Assim, enfatiza, mesmo as funções humanas que correspondem a necessidades fisiológicas, entre outros, como a fome, o sono, o desejo sexual, são informados pela cultura: as sociedades não dão exatamente as mesmas respostas a estas necessidades, ou seja, nos domínios em que não há constrangimento biológico, os comportamentos são orientados pela cultura.

Os debates acirrados sobre a noção de cultura e essas lutas de definições, desde seu aparecimento no século XVIII, são em realidade lutas sociais, e o sentido a ser dado às palavras revela questões sociais fundamentais (CUCHE, 1999). Contrariamente à noção de sociedade, avalia o autor, mais ou menos rival no mesmo campo semântico, a noção de cultura se aplica unicamente ao que é humano, pois ela oferece a possibilidade de conceber a unidade do homem na diversidade de seus modos de vida e de crença, enfatizando, de acordo com os pesquisadores, a unidade ou a diversidade. E mais, a aculturação aparece como uma das modalidades habituais da evolução cultural de cada sociedade, e o encontro das culturas, não se produz somente entre sociedades globais, mas também entre grupos sociais pertencentes a uma mesma sociedade complexa. Vista por dois ângulos diferentes, “Cultura” e “identidade”, são conceitos que remetem a uma mesma realidade, e, somente após estudar suas relações com os grupos vizinhos é que será possível compreender a identidade de um grupo. A cultura, por estar relacionada a processos extremamente complexos e, na maior parte das vezes, inconscientes, não se decreta, não pode ser manipulada como um instrumento vulgar. (CUCHE, 1999)

Ao analisar cultura e identidade, Cuche (1999), afirma que “as grandes interrogações sobre a identidade remetem freqüentemente à questão da cultura”, nas palavras dele, “há o desejo de se ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos”. Entretanto, este autor adverte, que não se pode, pura e simplesmente confundir as noções de cultura e identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação:

Em última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas.

[...]

A questão da identidade cultural remete, em um primeiro momento, à questão mais abrangente da identidade social, da qual ela é um dos componentes. Para a psicologia social, a identidade é um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo. Ela exprime a resultante das diversas

interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. (CUCHE, 1999, p.175-177)

A identidade cultural, coloca Cuche (1999, p. 177), aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural:

[...] Todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, definição que permite situa-lo no conjunto social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista).

Para Frederik Barth (1969) apud Cuche (1999, p. 182-183), “deve-se tentar entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre os grupos sociais, pois, a identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas”. Assim, para Barth, também “deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais”.

“A identidade é tão difícil de se delimitar e de se definir, na visão de Cuche (1999), precisamente em razão do seu caráter multidimensional e dinâmico”. Apesar disto, do seu caráter multidimensional e dinâmico, a identidade não perde a sua unidade. “Cada indivíduo, integra, de maneira sintética, a pluralidade das referências identificatórias que estão ligadas à sua história” (CUCHE, 1999, p.194-196), ou seja, como correlaciona Simon (1979) apud Cuche (1999, p. 195), “a identidade funciona, por assim dizer, como as bonecas russas, encaixadas umas nas outras”.

A Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural constata que a cultura se encontra no centro dos debates contemporâneos sobre a identidade, a coesão social e o desenvolvimento de uma economia fundada no saber e pretende preservar a diversidade cultural (“um patrimônio vivo, logo, renovável”). Diversidade que por não ser estático é um

processo que garante a sobrevivência da humanidade, pode-se evitar muitas guerras respeitando a diversidade cultural, vejamos trechos dos Artigos 1 e 2:

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade.

[...] Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz.

Reafirma que a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver junto, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Com relação à globalização, considera que este processo, facilitado pela rápida evolução das novas tecnologias da informação e da comunicação, apesar de constituir um desafio para a diversidade cultural, cria condições de um diálogo renovado entre as culturas e as civilizações.

Sobre a dimensão cultural do desenvolvimento, a Declaração destaca que a cultura constitui uma dimensão fundamental do processo de desenvolvimento e contribui para fortalecer a independência, a soberania e a identidade das nações, pois, o crescimento concebido freqüentemente em termos quantitativos, não observa a sua necessária dimensão qualitativa, ou seja, a satisfação das aspirações espirituais e culturais do homem, enfim, “o homem é o princípio e o fim do desenvolvimento”. Temos assim em seu Artigo 3, A diversidade cultural, fator de desenvolvimento:

A diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não somente em termos de crescimento econômico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória.

O desenvolvimento autêntico, destaca a UNESCO, persegue o bem-estar e a satisfação constantes de cada um e de todos. Assim, a Declaração, segundo a UNESCO,

acompanhada das linhas gerais de um plano de ação, pode tornar-se uma formidável ferramenta de desenvolvimento, uma forma de tentar diminuir a perversidade da globalização, capaz de humanizar a globalização.

Onde está essa identidade? Onde se manifesta essa cultura? Para Le Bourlegat (2000) “a vida se desenvolve em todas as suas dimensões” *no lugar*. “Com o lugar vivido como materialidade impregnada de valores” é que o ser humano se identifica. Temos então, segundo a autora:

O lugar, portanto, é onde a vida se desenvolve em todas as suas dimensões. Assim, a ordem interna construída no lugar, tecida pela história e pela cultura, produz a identidade. É através dessa identidade que o ser humano se comunica com o resto do mundo (Santos, 1987). Portanto, o conteúdo do lugar oferece condições para o acontecer. O momento criativo da consciência emerge quando os indivíduos conseguem interpretar as raízes de sua cultura construída no lugar, nascida das relações profundas entre o homem e seu meio, para voltar-se a mudanças capazes de garantir a integridade coletiva. Contudo, é também no lugar que indivíduos e coletividades se submetem a toda forma de ameaças, podendo ter sua existência deteriorada. (LE BOURLEGAT, 2000, p.18)

Um fator de extrema importância para o desenvolvimento local, para Emília Kashimoto *et alii* (2002), é a cultura popular local na medida em que por ser oriunda das relações entre a comunidade do lugar e o seu meio (natural e social) permite a configuração da Identidade do Lugar e de sua população. Afirma assim que a valorização da cultura popular contribui para que a sociedade fortaleça a individualização e a auto-estima diante do “outro”, numa busca de desenvolvimento originário de sua própria criatividade e conforme os seus valores. Já a cultura erudita local, observa nas suas principais manifestações que é, entre outros, a literatura, as artes plásticas, o cinema, em seu processo de difusão em espaços exteriores aos do limite do lugar, serve como veículo de informações sobre esse mesmo lugar, podendo reforçar a auto-estima das populações locais e fortalecer o intercâmbio necessário ao bom andamento do desenvolvimento do lugar. É premissa para o desenvolvimento se conhecer em profundidade a identidade, cultura local, reconhecer essa auto-identificação cultural de forma a se tornar protagonista do seu processo de desenvolvimento local.

Para dimensionar sobre cultura e desenvolvimento Kliksberg (2001), cita Lourdes Arizpe (1998) e V. Iglesias (1997). Assim temos Lourdes Arizpe (1998) assinalando que a cultura passou a ser o último aspecto inexplorado dos esforços que se desenvolvem em nível internacional, para fomentar o desenvolvimento econômico. V. Iglesias (1997) ressalta que há múltiplos aspectos na cultura de cada povo que podem favorecer seu desenvolvimento econômico e social; é preciso descobri-los, potencializá-los, e apoiar-se neles, e fazer isto com seriedade significa rever a agenda do desenvolvimento de um modo que resulte posteriormente, mais eficaz, porque tomará em conta potencialidades da realidade que são de sua essência e que, até agora, foram geralmente ignoradas. Para Kliksberg o desenvolvimento cultural é um fim em si mesmo nas sociedades, avançar neste campo significa enriquecer espiritual e historicamente uma sociedade e seus indivíduos. Os grupos pobres, assinala o autor, não têm riquezas materiais, mas têm uma bagagem cultural, o respeito profundo por sua cultura criará condições favoráveis para a utilização, no âmbito dos programas sociais, de saberes acumulados, tradições, modos de vincular-se com a natureza, capacidades culturais naturais para a auto-organização, que podem ser de grande utilidade. Para o crucial tema da identidade coletiva e da auto-estima a consideração e valorização da cultura dos setores desfavorecidos é um ponto chave. Conclui então que marginalidade e pobreza são acompanhadas por desvalorizações culturais, ao se desvalorizar a cultura, também está se enfraquecendo a identidade.

Nesse atual mundo globalizado, Le Bourlegat (2000) destaca que as relações entre o lugar e o mundo, mediadas pelos territórios político-institucionais, tornam-se cada vez mais relevantes, a ordem local transforma-se em força interna de desenvolvimento. As ações intencionais de agentes externos, ao incluir ou excluir o lugar no circuito das redes, podem constituir oportunidades ou ameaças à manutenção da integridade social do lugar. Entretanto, continua a autora, a ação comunicativa do lugar, quando portadora de sentido, na proposição

de novas formas de adequação dos comportamentos sociais aos futuros estágios de desempenho, constitui a força interna de desenvolvimento.

As primeiras formas de organização social no planeta, segundo Le Bourlegat (2000) constituíram de pequenas coletividades, agrupadas em território restrito e isoladas entre si. Orientaram-se no sentido da formação de comunidades, ou seja, buscando maior comunicação com outros seres humanos, através de vínculos de estreitamento espontâneo entre os indivíduos, por sentimento de vizinhança. Assim, a ampliação da intimidade pela proximidade foi uma forma do grupo controlar o ambiente de vida. O que vem de encontro ao que Vieira (2000) afirma sobre o conceito de território como algo que tem a ver com espaço e poder, e cita Raffestin (1980) que observa que a vida é tecida de relações e por isso a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações emergentes de um sistema tridimensional - sociedade, espaço, tempo – visando a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema. Para Rosendhal (2002) territorialidade significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos, no sentido de controlar um território.

O território, como foi afirmado anteriormente, é tecido por relações onde as pessoas se identificam. A importância da memória para a criação de identidades é colocada por Velho (1988, p.124) apud Vieira (2000):

O sentido de identidade depende, em grande parte, da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados. O passado assim, é descontínuo. A consistência e o significado desse passado e da memória articulam-se à elaboração de projetos que dão sentido e estabelecem continuidade entre esses diferentes momentos e situações.

Para uma melhor compreensão do que seja território e territorialidade há que haver um entendimento sobre espaço, poder e lugar como força de desenvolvimento. Para Vieira (2000), espaço é anterior, o território apóia-se no espaço, mas é uma criação, uma produção. E essa produção tem a ver, não só com o espaço, mas também com outros atores, então a territorialidade não é apenas uma identificação, um vínculo com o espaço, ela é o resultado de



um *processo*, demorado em que atuam relações de várias ordens, entre *atores* diversos, em *tempos* diferenciados (grifo do autor).

Em seu trabalho “Poder y Espacio”, Sanches (1979) enfatiza que o espaço é o campo da realidade sobre o qual trabalham os geógrafos, e este engloba todas as relações sociais e humanas e todos os fatos físicos que se acha a nosso alcance. Já a articulação do espaço é um fato evidentemente social e o elemento conformador das relações sociais será por sua vez das relações espaciais. Para o autor a articulação do espaço não obedecerá exclusivamente a causas geográficas, mas também dependerá do poder, ou seja, o meio é manipulado pelo poder para colocá-lo a seu serviço a cada momento. Assim o espaço é duplamente composto, como marco físico das relações sociais e ao mesmo tempo, como agente destas relações na medida em que o espaço é o conjunto do meio mais os homens que nele se encontram. Os elementos que interessam ao poder para serem articulados são as características do meio geofísico e as dos homens que o habitam.<sup>(3)</sup>

Sanches (1979) avalia que, uma vez que o espaço é o marco das relações sociais, é preciso planejar o espaço a partir de uma ótica global para observar de que maneira seu domínio se efetua, ou seja, como o homem atua sobre e este espaço, o domina e o modifica, que normas utilizam para ele e para adaptar a seus interesses.

Com relação ao poder, partindo do pressuposto que este é o articulador do espaço e requer uma definição do mesmo, assim enunciado:

Desde el momento en que el hombre actúa como tal, como ser inteligente, hasta nuestros días, podemos ver cómo el ser humano ha ido ampliando su conocimiento del medio geográfico, al tiempo que su dominio sobre el mismo. Ello significa que un punto capital en la historia de la humanidad es el momento en que el hombre deja de depender del medio y empieza a dominarlo. Cabe situar en la consecución de la agricultura, como medio de dominio sobre la naturaleza, el punto culminante de la afirmación de la especie humana como grupo animal inteligente, ya que la práctica agrícola implica haber descubierto el ciclo de la naturaleza, las posibilidades de su modificación y la adaptación de este ciclo a unos objetivos alejados en el tiempo. Es

---

<sup>(3)</sup> SANCHES, Juan Eugenio. *Poder y Espacio*. Universidade de Barcelona. ISSN: 0210-0754 Depósito Legal: B. 9.348.-1976, Año IV. Número: 23, Septiembre de 1979. ( [www.ub.es/geogcrit/sn-94-60.htm](http://www.ub.es/geogcrit/sn-94-60.htm) )

decir, se trata de un avance esencial en el que el hombre ha aislado dos variables, el tiempo y el espacio mediante la manipulación de los factores geo-físicos.<sup>(4)</sup>

Na fenomenologia existencial, Christofolletti (1985), em seu trabalho “As perspectivas dos Estados Geográficos” identifica que o espaço é concebido como espaço presente, diferente do espaço representativo da geometria e da ciência onde o espaço é algo dimensional que se expressa por uma representação. Para o fenomenólogo, segundo este autor, o espaço é um contexto, experienciado como sendo de certa espessura, em oposição aos pontos adimensionais do espaço mensurável. Assim, destaca que a espessura do espaço seria vista na concepção do “aqui”, que é um sistema de relações com outros lugares, semelhante à espessura dos conceitos temporais, tais como “agora” que envolve aspectos do passado, presente e futuro (grifo autor).<sup>(5)</sup>

“O lugar, é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado no qual está integrado, faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições” (CHRISTOFOLETTI, 1985). Ainda para o autor, sob a perspectiva humanística o espaço e lugar assumem características muito diferentes onde a tarefa básica do geógrafo humanista é mostrar o que eles são através de uma estrutura coerente:

Da valorização da percepção e das atitudes decorre a preocupação de verificar os gostos, as preferências, as características e as particularidades dos lugares. Valoriza-se também o contexto ambiental e os aspectos que redundam no encanto e na magia dos lugares, na sua personalidade e distinção. Há o entrelaçamento entre o grupo e o lugar. Quantos lugares nos encantam pelo típico que possuem? Entretanto, com a expansão cada vez maior da tecnologia, da massificação, das facilidades de transporte e da organização do consumo, encontramos elementos idênticos em quase todas as localidades. Os mesmos cartazes de propaganda, os mesmos produtos alimentícios, os mesmos meios de transporte, os mesmos tipos de construções e edifícios, as mesmas figuras para o divertimento infantil são encontrados de modo generalizado, nas grandes e pequenas cidades, nas mais variadas regiões e países. Isso representa o processo de universalização, o da descaracterização do lugar, que foi tema de um dos trabalhos de Edward Relph (1976).<sup>(6)</sup>

---

<sup>(4)</sup> Idem.

<sup>(5)</sup> CHRISTOFOLETTI, A. As Perspectivas dos Estudos Geográficos. In: A. Christofolletti (ed). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, Difel, 1985. ([ivairr.sites.uol.com.br/tuan.htm](http://ivairr.sites.uol.com.br/tuan.htm)mem 15/fev/2005.)

<sup>(6)</sup> Idem

Vieira (2000) cita Raffestin (1980) que a territorialidade é dinâmica, pois os elementos que a constituem (o homem, o espaço) são suscetíveis de variação no tempo, sua análise não é possível senão através do exame de relações reais recolocadas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal. Tem-se assim, segundo Vieira (2000), que buscar a territorialidade pela observação do que os indivíduos vivem cotidianamente nas suas relações de trabalho, de família, de lazer, ou, dito, de outra forma, buscar identificar o que constitui a territorialidade, o lugar onde ela se dá, e os ritmos que implica.

Mattos e Ribeiro (1996) observam que a apropriação simbólica e afetiva do espaço foi desenvolvida consistentemente por Tuan (1980), onde o lugar é muitas vezes utilizado como sinônimo de território através da “topofilia” que significa o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (grifo dos autores). O lugar para Tuan, segundo os autores, tem o significado de uma localização de lealdade apaixonada, de definição e significado.

O “núcleo conceitual” do desenvolvimento local, enfatiza Ávila (2000), consiste essencialmente no efetivo desabrochamento das capacidades, competências e habilidades de uma “comunidade definida” (portanto com interesses comuns e situada em determinado território ou local com identidade social e histórica), no sentido de ela mesma se tornar paulatinamente apta a agenciar e gerenciar (diagnosticar, tomar decisões, planejar, agir, avaliar, controlar, etc.) o aproveitamento dos potenciais próprios, assim como a “metabolização” comunitária de insumos e investimentos públicos e privados externos, visando à processual busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações, de toda ordem e natureza, que mais direta e cotidianamente lhe dizem respeito.

Visto de dentro, o lugar pode ser o bairro, a praça, a rua, o condomínio, a pequena vila ou cidade, o lugar rural, revela Souza (1997) apud Le Bourlegat (2000), desde que possibilitem o encontro coletivo e relações de afetividade. O lugar, em si mesmo, é o suporte material para o ser humano existir, ou seja, morar, produzir, circular, amar, conflitar-se com

outro, e, também, fonte de recursos naturais vitais. Nele, o trabalho resulta em espaço materialmente construído.

Sobre os termos território e territorialidade, Corrêa (1994, p.251-252) apud Benjamin de Lacerda Júnior (2004), ressalta que:

A apropriação, por outro lado, pode assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas espacializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, religião, idade ou outros atributos. Nesse sentido o conceito de território vincula-se a uma geografia que privilegia os sentimentos e simbolismo atribuídos aos lugares... os dois significados podem, contudo, combinar-se definindo territórios plenamente apropriados, de direito, de fato e afetivamente. Território constitui-se, em realidade, em um conceito subordinado a um outro mais abrangente, o espaço, isto é, à organização espacial. O território é o espaço revestido da dimensão política, afetiva ou ambas. A territorialidade, por sua (sic), refere-se ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e permanência de um território por um determinado agente social, o Estado, os diferentes grupos sociais e as empresas. Há vários territórios recobrando a superfície da Terra. Cada um apresenta uma específica dimensão e conteúdo, sendo apropriado, vivenciado e percebido diferentemente pelo s diversos agentes. Os vários territórios não formam um mosaico, regular ou irregular, mas assemelham-se às múltiplas possibilidades de arranjos existentes em um caleidoscópio.

Pensa Benjamin de Lacerda Júnior (2004) que na medida em que as relações sociais se manifestam das diversas formas no território, dão um significado às territorialidades, o poder é a forma que mais se expressa, por isso dependendo do grau de atuação seus elementos, os atores que os executam territorializam e desterritorializam com maior intensidade. Os objetos e o sujeito, observa, estão inseridos em uma dinâmica que basicamente se compreendem pelas relações de poder, o seu uso, a sua forma seus agentes, definindo e dando significados para as territorialidades, desterritorialidades e novas territorialidades.

No ‘imaginário urbano’, a forma como são organizados os espaços, a pobreza, a falta de emprego, carências materiais, ineficiência do poder público, leva a uma das formas de desterritorialização urbana que é a exclusão social, como vemos em Pesavento (1999), Feijó e Assis (2004), e Menezes e Brasil (1998):

Pesavento (1999)

[...] Ora, o espaço social se organiza segundo a lógica da diferença, e as palavras que o representam traduzem, de maneira simbólica, estas distâncias, desigualdades e diferentes formas de ser.

Tomemos o caso da cidade, espaço físico e social que se traduz num vocabulário específico que induz à determinadas percepções e avaliações. [...]

Estas possibilidades de "ler" a cidade, para além do que se poderia chamar o seu "espaço real", partindo das palavras e imagens que a representam, têm sido objeto de múltiplas abordagens e vêm ganhando expressão nos estudos, mais ou menos recentes, que se voltam para o que chamaríamos de "imaginário urbano".<sup>(7)</sup>

[...]

Feijó e Assis (2004)

A exclusão social tem sido alvo freqüente de debates entre os cientistas e outros intelectuais, em virtude da pobreza e da miséria, cada vez mais visíveis em nosso país. Entre os estudiosos que contribuíram para um arcabouço teórico da exclusão, destaca-se Robert Castel (1991, 1995). A idéia de exclusão social assinala um estado de carência ou privação material, de segregação, de discriminação, de vulnerabilidade em alguma esfera. À exclusão associa-se um processo de desvinculação social/espacial. O excluído não escolhe a sua condição; ela se dá numa evolução temporal como resultado das mudanças na sociedade como, por exemplo, as crises econômicas. A segregação étnica constitui por si só problema relevante, trazendo consigo conseqüências, como o desemprego, a falta de alimento, de acesso a serviços de saúde, de moradia adequada, de recursos que possibilitem desempenhar bem papéis na comunidade (Townsend, 1979).

A exclusão pode acontecer sob várias formas. Uma delas e, talvez a mais grave, pois pode gerar outros tipos de exclusão, é a econômica. Quando o país, por questões políticas, administrativas, ou como resultado de um processo mundial, não gera emprego para seus cidadãos, deixa de lado, geralmente, os menos preparados, os que já se encontram em uma zona menos privilegiada. O desemprego estrutural, por sua vez, aliena uma parcela da população que anteriormente se encontrava inserida na sociedade, com papéis definidos.

Algumas outras formas de exclusão são a cultural, a territorial e a étnica. A segregação cultural priva o indivíduo de obter uma escolaridade que é o instrumento para maiores chances de um emprego com melhor remuneração, assim como, de ter acesso a informações que o habilitem a exercer sua cidadania de forma plena. A exclusão territorial afasta o cidadão do convívio com o restante da sociedade, do emprego, da escola e, até, da terra produtiva. A segregação étnica provoca comportamento de revolta entre os indivíduos, classificando-os como seres inferiores e diferentes, impedindo que usufruam plenamente dos bens de consumo, da escola, de serviços de saúde, alijando-os do convívio sadio e produtivo na comunidade.

[...]

O ser excluído traduz-se na falta de ganhos, de alojamento, de cuidados, de instrução, de atenção, de poder exercer sua cidadania. A falta de oportunidades para o indivíduo e sua família afeta seu sentido de existência e suas expectativas de futuro. Nas palavras de Castel (1995): "nos processos de vulnerabilidade que arruinam os pobres deve ser buscada a origem das perturbações afetando o equilíbrio social". O primeiro elemento que denota o excluído é ser ele uma pessoa sem inserção no mundo do trabalho. No caso brasileiro, como mostra Oliveira (1997),

---

<sup>(7)</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares malditos. *Rev. bras. Hist.*, Set 1999, vol.19, no.37, p.195-216. ISSN 0102-0188. (<http://www.scielo.br/> em 28/out/2005)

eles são "os moradores e meninos de rua, os catadores de lixo, os desempregados das favelas e periferias, muitos convertidos em 'flanelinhas' e em delinqüentes" (p. 51).<sup>(8)</sup>

[...]

Menezes e Brasil (1998)

A rua é, para muitos, apenas um lugar de passagem. No entanto, circulando pelas ruas das grandes cidades encontra-se uma grande faixa da população que estabelece um outro tipo de relação com ela. Para estas pessoas a rua não é apenas um lugar de passagem, mas um meio de vida, um espaço de sobrevivência e de formação de vínculos (LUCCHINI, 1993)

[...]

Estudos apontam que as questões que levam a criança para a rua estão ligados: a) à situação econômica da família, b) à fragilidade da sua organização, c) à exploração da criança e d) violência (Lusk, 1992; Rosa de Souza & Ebrahim, 1992). No entanto, Lucchini (1993) pontua que não se deve negligenciar o papel da criança na sua saída para a rua, como também não se deve esquecer a atração que a rua exerce sobre ela.<sup>(9)</sup>

---

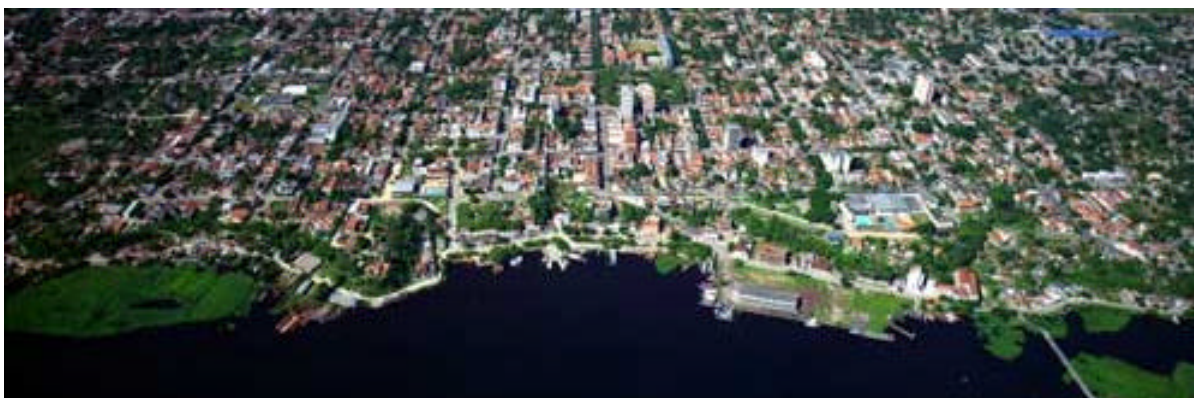
<sup>(8)</sup> FEIJÓ, Maria Cristina e ASSIS, Simone Gonçalves de. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estud. psicol. (Natal)*, Abr 2004, vol.9, no.1, p.157-166. ISSN 1413-294X (<http://www.scielo.br/> em 28/out/2005)

<sup>(9)</sup> MENEZES, Deise Matos do Amparo e BRASIL, Kátia Cristina T. Dimensões psíquicas e sociais da criança e do adolescente em situação de rua. *Psicol. Reflex. Crit.*, 1998, vol.11, no.2, p.327-344. ISSN 0102-7972 (<http://www.scielo.br/> em 28/out/2005)

## 2 ANÁLISE DE DADOS

### 2.1 CORUMBÁ

Foto 1 – Vista Aérea de Corumbá



Fonte: [http://www.corumba.com.br/vistas/vistas\\_corumba.html](http://www.corumba.com.br/vistas/vistas_corumba.html) em 02/set/2005

Ito (2000, p.64-70), em seu livro “Corumbá: o espaço da cidade através do tempo” nos relata que Corumbá teve a sua fundação e povoamento, ligados à estratégia da Coroa Portuguesa de ocupação da zona limite entre o Pantanal e o Chaco e a constituição de ponto de apoio ao Presídio da Beira e ao Forte Coimbra:

A ocupação do território da fronteira sul da província do Mato Grosso ocorreu, sobretudo, pela necessidade de garantir a posse do território que, apesar de ser ainda desconhecido quanto às riquezas naturais, era estratégico para conter o avanço dos castelhanos. Os Bandeirantes paulistas contribuíram de forma singular nesse processo, ao avançarem os imaginários limites de Tordesilhas.

Na segunda metade do século XVIII, a Coroa Lusitana, mostrou seu interesse de expansão sobre os domínios da Espanha. O governador da Capitania de Mato

Grosso, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, com a intenção de implantar núcleos militares estratégicos, que atendessem aos interesses portugueses, fez um estudo de reconhecimento geográfico de toda a Bacia do rio Paraguai, para dar suporte à conquista do território.

A partir desse reconhecimento mandou fundar o Presídio em Fechos dos Morros, lugar estrategicamente escolhido, pela facilidade em controlar a navegação do rio Paraguai, devido ao estreitamento natural do leito. Entretanto, o encarregado da missão confundiu o local, ficando em Coimbra, 250 quilômetros ao norte do que lhe foi ordenado.

Em conseqüência, Luiz de Albuquerque determinou a João Leme do Prado que procedesse ao reconhecimento do rio Miranda e do rio Paraguai, a montante do Presídio de Coimbra, para a fundação de um povoado. Em 1776, Leme do Prado funda “Albuquerque”. Apesar de todos os esforços de seu fundador em promover-lhe o crescimento, o lugar não prosperou.

Em julho de 1778, Leme do Prado recebeu ordens de Luiz de Albuquerque para que fundasse um povoado no médio Paraguai. Essa nova resolução originou-se nos conflitos entre os índios Guaicurus e os soldados do Presídio de Coimbra, ocasião em que morreram 54 praças. Leme do Prado, no cumprimento da ordem recebida, procura o lugar onde tentava iniciar o povoado de “Albuquerque”. Mas, devido aos poucos conhecimentos da área, confundiu-se e fundou, a 21 de setembro de 1778, sob a denominação de Albuquerque, a 45Km ao norte do ponto que havia escolhido em 1776.

A homonímia entre as duas localidades gerou muitas confusões. Na época convencionou-se chamar Albuquerque Velha ou Povoação de Albuquerque aquela mais ao norte, hoje denominada Corumbá.

O sítio onde ocorreu a fundação de Corumbá foi um berço muito propício para o seu crescimento, fácil acesso da navegação, porém protegida das periódicas enchentes no Pantanal.

[...]

Corumbá teve, então, sua fundação e povoamento ligados à estratégia da Coroa Portuguesa de ocupação da zona limite entre o Pantanal e o Chaco e a constituição de ponto de apoio ao Presídio da Beira e ao Forte Coimbra.

[...]

[...] Em 11 de abril de 1853, por Decreto Imperial, habilitou seu porto ao comércio e criou uma mesa de rendas. Isso representou o primeiro passo para o desenvolvimento efetivo da sua economia e do seu crescimento urbano. Sua posição estratégica no rio Paraguai, única via de comunicação entre as cidades platinas e Cuiabá elevou-a a porto importante, principalmente após 1856, quando foi franqueado à navegação de barcos brasileiros e estrangeiros através do rio Paraguai até Corumbá. Passa então a monopolizar o fluxo mercantil de toda a Província, com seu núcleo urbano mantendo contatos diretos com as principais cidades da bacia do Prata e européias.

[...]

[...] A Resolução de 5 de julho de 1862, transformou-a em Freguesia, passando a ser denominada Freguesia Santa Cruz do Corumbá, ou Vila de Corumbá. Além disso, em 1857, passou a sediar 2 unidades de artilharia, o 2º Batalhão de Artilharia a Pé e o Corpo de Artilharia de Mato Grosso. [...]

[...]

A vila, tomava ares de cidade desde 1859, quando o Almirante De Lamare, então presidente da Província de Mato Grosso, prevendo um futuro promissor para o povoado, mandou demarcar as ruas, desenhar sua planta, onde constava lugar para edifícios públicos e praças.



Com relação ao vocábulo que denomina a cidade, Leite (1978, p. 48), nos traz várias explicações:

[...] No Nordeste: (sem acento) substantivo masculino e feminino significando “homem ingênuo do interior”. Em Goiás o vocábulo aparece para designar rio afluente do Paranaíba, na zona de Ipameri, com 525 quilômetros de extensão e ainda a antiga cidade “Corumbá de Goiás”.

CORUMBÁ também designa uma série de formação paleozóica, constituída de xisto ardoso e calcários roxos, negros e brancos, comuns na área do município.

Para nós, com o aval dos doutos, a palavra é de origem Tupi e em língua ameríndia quer dizer: CORUMBÁ (com acento) lugar de cascalho, isolado, sertão”. CORUMBAS (sem acento) romance do escritor sergipano Amando Fontes. O tema do livro é a decadência do pequeno ruralista emigrado para a cidade, onde se empobrece de vez. Obra publicada em 1933. Dentro da nobiliarquia brasileira o nome da cidade se liga ao vulto do Almirante carioca João Mendes Salgado (1832/1894) a quem se conferiu o título de Barão Corumbaense.

Em sua obra “CORUMBÁ, ALBUQUERQUE E LADÁRIO”, o historiador Raul Silveira de Melo apresenta três opiniões de autores diferentes. *Corum Ubá* (grifo meu) lugar alto ou porto seguro, C.F. (Cid Figueiredo?). Para Pedro Ivo Rostey, CORUMBÁ provém de *Curupah* (grifo meu) (aroeira em guarani), logo CORUMBÁ deveria ser a cidade das aroeiras. Augusto de Leverger, por sua vez, afirma que os silvícolas da região designavam as serras de Albuquerque de serras de Corumbá.

No Dicionário Aurélio, tem a definição que Corumbá significa “lugar esquecido, desprezado ou distante”. O que pode ser confirmado quando lemos CORREA (1999, p. 50-79), e que relata a dificuldade para povoamento da região pelos ‘desbravadores’ à época tendo em vista das especificidades regionais, limitações impostas pelas suas condições ambientais (*regiões selváticas*), precariedade de comunicação (correios - ficava até três meses sem nenhuma informação da Côrte), da ‘fronteira indígena’ e que era como uma espécie de castigo vir ocupar qualquer função aqui pela longitude e privações:

A fronteira de Mato Grosso com a Bolívia e com o Paraguai, justamente pelas peculiaridades territoriais e históricas, originadas a partir do século XVI, chegou ao século XIX desorganizada do ponto de vista de sua identificação nacional. As poucas agências representativas do controle estatal sobre seus pontos mais estratégicos não davam conta de uma faixa territorial tão grande, de população branca rarefeita e isolada, de população indígena muito superior, em grande parte fora de controle das autoridades regionais conflitantes entre si e, sobretudo, contra os *conquistadores*. Na verdade, o controle político-administrativo nos tempos da Capitania e, em épocas posteriores de Província mato-grossense, restringiu-se apenas a Cuiabá e seus entornos, nos núcleos mineiros, enquanto o sul permaneceu em estado de abandono, incluindo suas cidades fortificadas.

[...]

Além disso, o Correio, como instrumento fundamental e rotineiro de vinculação da região com o resto do mundo, também funcionou de maneira precária durante longo período, percorrendo as vias terrestres de Goiás e São Paulo, com destino ao Rio de Janeiro e vice e versa. [...]

[...]

Em meados do século, em 1843, o Presidente da Província de Mato Grosso dirigiu um ofício ao Presidente da Província de São Paulo, queixando-se *que á mais de hu anno o correio d'esta Província* encontrava-se em situação irregular. Em 1845, Cuiabá ficava até três meses sem nenhuma notícia da Corte e, mesmo depois da abertura da navegação fluvial, [...]

[...]

Todavia, uma das questões centrais da História da fronteira sul de Mato Grosso reside nas formas da ocupação econômica da região, determinadas pelas possibilidades concretas de produção e exploração de recursos ambientais naturais. Assim, não se pode descartar a importância da existência concreta de uma *fronteira indígena*, que se tornou, de fato, uma barreira para portugueses e espanhóis que se aventuraram na conquista e ocupação das extensas planícies úmidas do Baixo-Paraguai, a partir do séc. XVI até meados do XIX, retardando nesse espaço o processo de exploração pelo Capital Mercantil. Da mesma maneira, é necessário levar em conta a problematização das relações dos conquistadores com o meio ambiente enquanto processo de domínio, transformação e, ao mesmo tempo, adaptação ao novo e complexo espaço.

Um conjunto de fatores combinados promoveu as transformações necessárias ao desenvolvimento das relações capitalistas em toda a região platina, no século XIX e princípios do XX, exercendo poderosa influência no processo de redimensionamento espacial e econômico da fronteira em questão. Esse processo de expansão interna da fronteira ocorreu não como ocupação de *espaços vazios*, mas pela conquista e expropriação de terras indígenas e pela luta pela posse de terras entre antigos e novos posseiros. Os conflitos pela legitimação de posses, somados às pretensões territoriais entre Estados vizinhos, acabaram por traumatizar e marcar a *ferro e fogo* o sul de Mato Grosso, envolvendo a região num processo de lutas intermitentes. E, neste caso, a tensão dos primeiros povoadores de origem européia em Mato Grosso, e a vigência de um estado de permanente vigilância (e insegurança), caracterizaram os fenômenos de fixação ou mobilidade dos núcleos de povoamento coloniais, fossem estas fortificações, vilas ou pólos de mineração em área de fronteira, o que acabou por conferir à História colonial de Mato Grosso a marca da violência. Deve-se considerar, portanto, como raiz desse contexto histórico a herança dos conquistadores europeus e seu confronto com nações indígenas, dominantes nesse território limítrofe por muitos séculos, assim como as bases coloniais implantadas e, de forma anacrônica, conservada por longo tempo em Mato Grosso. Nesse contexto colonial foram forjadas as bases concretas do desenvolvimento econômico e histórico regional que definiria a fronteira sul de Mato Grosso por todo o século XIX.

[...]

[...] Nos sertões sul-americanos, tanto a colonização de portugueses como a de espanhóis guardaram muitas semelhanças, em especial, em suas relações com os povos indígenas já antigos na região. Tais relações produziram a resistência sob as suas variadas e multifacetadas formas de conflito, integração, miscigenação, incluindo os processos de intercâmbio cultural e comercial dentre os povos indígenas e europeus. As variações nas relações entre brancos e índios representaram, por sua vez, uma das vias de explicação do desenvolvimento singular e tardio da fronteira sul mato-grossense no contexto platino, sobretudo no século XIX.

O desenvolvimento de Mato Grosso no período colonial decorreu também das especificidades regionais no que se referiu às limitações impostas pelas suas condições ambientais, de regiões selváticas, de grandes extensões de terrenos

úmidos dos Pantanaís, com muitos rios com barreiras quase intransponíveis e uma rica e desconhecida biodiversidade. O cronista Candido Xavier de Almeida e SOUZA deu bem a medida das dificuldades enfrentadas na região por desavisados viajantes, descrevendo sua expedição a fronteira Sul de Mato Grosso na virada do século XVIII para o XIX e registrando que nos Pantanaís não haviam *terras para marchar nem agoas para navegar*, referindo-se ao período das cheias. [...] demonstrando a relevância das relações do conquistador com a natureza exuberante e *sui generis* da região [...] detalhes que tornavam as viagens um verdadeiro *calvário*: “nesta região mais que em outra alguma he inflexível o rancor dos irracionais contra o Homem, desde a desobediência de Adão: em terra as feras, as serpentes, as formigas, e as mesmas arvores pella maior parte armadas de espinhos denegão a sua comunicação: nos Rios, os Jacarés, os Sucuris, as Giboias e os mesmo peixes conspirão contra a Humanidade. A precisa privação do S.S. nome do Snr., o ardente calor próprio da zona tórrida, a transpiração dos suores, a vexação dos insetos, o hálito insofrível do almiscar dos jacarés, seus horrorosos bramidos, e a horrível figura destes monstros, representam a vista e a imaginação huma verdadeira effige do lado terrível do Infernal Archeronte.

[...] Procurou esse conquistador utilizar-se de toda a experiência anterior na penetração pelos sertões de colônia, moldando assim, as formas de lidar com a natureza conforme as novas e imediatas necessidades, o que nem sempre evitava as travessias e viagens penosas, com perdas humanas, por ataques de insetos e diversos outros animais selvagens, ou doenças provocadas por vetores desconhecidos, ou ainda, afogamentos em rios e cachoeiras que apresentavam obstáculos traiçoeiros ao homem. E, se não bastasse isso tudo, a condição de Mato Grosso como fronteira indígena aprofundou esse grau de dificuldade no processo de ocupação e conquista de todo o território mato-grossense, na medida que produziu inevitável e brutal choque entre conquistadores-aventureiros e os povos gentílicos, antigos senhores desse espaço.

[...]

A principal nação que dominou grande parte do Vale do Paraguai, foi a Mbayá-Guaicuru, cuja força bélica e capacidade de rápida mobilização derivou da posse de cavalhada e da habilidade de navegar pelos rios (adquirida de outros povos gentílicos, os Paiaguás, avassalados pelos Mbayá), assim como nas imensas áreas alagadas pantaneiras. Conhecedores profundos do regime de águas das baixas planícies do Médio e Baixo –Paraguai, adaptados à vida nômade, *los mbaya-guaikuru eran cazadores, guerrero y mercadores...* [...]

[...]

Na Corte olha-se até o presente como uma espécie de castigo o vir ocupar os empregos quer civis quer militares desta Província pela longitude e privações... José Antonio Pimenta Bueno, 1837

Corumbá é também chamada de “Cidade Branca” pela cor clara de sua terra.

A cidade é importante Pólo Turístico do Mato Grosso do Sul, uma das mais importantes do Pantanal, situada às margens do Rio Paraguai, bem na fronteira com a Bolívia. Na área do turismo é um lugar que proporciona muitas atividades. “Pode-se fazer turismo

cultural, histórico, de lazer, ecoturismo e de consumo no shopping de Porto Aguirre na Bolívia, a 09 Km da cidade”.<sup>(10)</sup>

O português Aleixo Garcia explorou a área do atual município de Corumbá pela primeira vez por volta de 1524, em busca de ouro. Luiz Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, governador e Capitão-General da Capitania de Mato Grosso, mais tarde, implantou pontos estratégicos militares com a finalidade de defender o território contra as invasões espanholas, mas o objetivo era o de fixar o domínio de Portugal na região. Assim, o Forte Coimbra foi construído em 1775 e o arraial de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque, povoado que surgiu como destacamento militar, fundada em 21 de setembro de 1778 às margens do rio Paraguai, se estabelecendo a princípio na ponta do Ladário. A importância do porto de Corumbá como centro econômico foi devido a sua posição geográfica privilegiada. O livre trânsito de barcos brasileiros e estrangeiros no rio Paraguai foi estabelecido em 1856. A transferência do povoado para o local onde hoje está localizada a cidade de Corumbá ocorreu em 1859. O rompimento do isolamento da região e a fixação do domínio na fronteira oeste do Império ocorreram devido à navegação. Uma Alfândega foi instalada no porto em 1861. A elevação do povoado à categoria de vila ocorreu em 1862, fazendo assim surgir as ruas espaçosas e o comércio, o que trouxe também problemas de infra-estrutura como transporte de mercadoria, abastecimento de água precário, ausência de calçamento nas ruas e epidemias causadas pela falta de saneamento. Como não havia controle sanitário, doenças começaram a surgir de barcos que atracavam no porto, vindos de vários países. Enchentes periódicas do rio Paraguai, crises políticas, violência do cotidiano da região, epidemias, agravaram os problemas econômicos e sociais. A sobrevivência de forma precária da maior parte da população, os índios servindo de mão-de-obra barata no porto de um lado, e a monopolização

---

<sup>(10)</sup> Sebrae [www.ms.sebrae.com.br/](http://www.ms.sebrae.com.br/) em 16jun2004

do comércio por um grupo reduzido do outro, fazia haver assim uma dualidade na estrutura social que se formava. <sup>(11)</sup>

Solano Lopez durante a Guerra do Paraguai (1864-1869) invadiu e destruiu essa região em 1865. O comércio local foi desarticulado devido a interrupção da navegação pelo rio Paraguai durante a ocupação. “A cidade foi destruída, abandonada à miséria, suas casas e depósitos foram saqueados e a população diminuída sofreu privações”. Uma tropa vinda de Cuiabá chefiada pelo tenente-coronel Antônio Maria Coelho, conseguiu retomar a cidade, acabando com a ocupação pelo exército paraguaio que se deu até 13 de junho de 1867. “Superada as dificuldades da guerra, iniciou-se uma reorganização dos núcleos devastados e restabeleceu-se a navegação”. <sup>(12)</sup>

Corumbá por ter se tornado um centro onde predominou o elemento estrangeiro, o ciclo comercial acabou por não gerar benefícios para a cidade e sua população. Um contingente pobre da cidade era engrossado por paraguaios, argentinos, uruguaios e bolivianos. Já ao comércio e à construção foram os Europeus de diversas nacionalidades que se dedicaram. A política e a administração da cidade foram dominadas pelo grupo de comerciantes, voltando-se assim para seus interesses. Pela sociedade local pouco foi realizado. <sup>(13)</sup>

Novas perspectivas de comércio foram abertas por uma divisão do exército acompanhada por mercadores encarregados de abastecer a tropa em 1870. A retomada das atividades comerciais e a restauração do centro urbano foram iniciadas nesse período. A recuperação do porto e das fazendas de gado que foram destruídas durante a ocupação paraguaia ocorreu paralelamente. As obras da Câmara Municipal de Corumbá e do Arsenal da Marinha em Ladário iniciaram-se em 1872. Corumbá se tornou o terceiro maior porto da

---

<sup>(11)</sup> (<http://www.corumba.com.br/historico.html> em 17/jun/2004)

<sup>(12)</sup> Idem

<sup>(13)</sup> Ibidem

América Latina até 1930 devido à abertura dos portos e o comércio com Uruguai, Argentina e alguns países europeus após a guerra. Mercadorias destinadas ao mercado local e outras localidades do estado e Bolívia eram trazidas por embarcações nacionais e estrangeiras. “Vapores vinham do Uruguai, Argentina e de alguns países europeus trazendo o cimento inglês, o vinho português e os refinados tecidos franceses, além dos imigrantes”. Produtos de exportação como a borracha, couro, charque, cal e a erva mate, eram levados na volta, o que transformava a região em um corredor das exportações de Mato Grosso. A moeda corrente na época era a libra esterlina. Funcionavam em Corumbá 25 bancos internacionais como o City Bank e a 14ª agência brasileira do Banco do Brasil foi instalada na cidade em 1914. O aumento do número de casas comerciais e de estrangeiros ocorreu devido ao crescimento do centro urbano sob o impulso do movimento fluvial e mercantil. “Em determinadas épocas a população estrangeira na região chegou a superar numericamente a brasileira”.<sup>(14)</sup>

A cidade se dividia em duas partes: a de cima e a de baixo. O comércio ficava na de cima que estava sobre a elevação calcária. O Porto Geral com os galpões de importadores e exportadores e, seus importantes edifícios públicos e comerciais de até três andares, ficavam na de baixo, que ficava na altura do rio, e a comunicação entre estas era através de duas ladeiras.<sup>(15)</sup>

A Associação Comercial de Corumbá foi fundada na tentativa de organização dos comerciantes locais em 1910. Ela reagiu contra a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (hoje privatizada), por considerar a navegação fator principal no desenvolvimento da cidade. A história da economia local foi mudada pela Estrada de Ferro (o transporte fluvial foi deixado de lado), trazendo conseqüências como o deslocamento do eixo econômico para Campo

---

<sup>(14)</sup> Ibidem p. 30

<sup>(15)</sup> Ibidem

Grande, o que a tornou, a partir da década de 1920, o ponto central de comunicação e transporte do sul de Mato Grosso. <sup>(16)</sup>

A cidade de Corumbá ficou suscetível a crises periódicas devido a dependência da navegação fluvial com o exterior. O seu destino econômico foi mudado pela construção da estrada de ferro e pela guerra que estava acontecendo na Europa (1914/1918). O esvaziamento populacional ocorreu devido à decadência da cidade como entreposto de exportação e importação, levando os comerciantes à procura de outros centros que estavam se desenvolvendo ou a se transferir para a pecuária. O impedimento do desenvolvimento interno e da criação de uma infra-estrutura econômica e urbana capaz de criar alternativa para o setor comercial foi devido a essa dependência com o comércio externo. Quando o rio Paraguai perdeu sua função de principal artéria de comunicação e transporte, iniciou a decadência da cidade como centro comercial. Não foi demorada a transição do poder econômico urbano definido pelo entreposto comercial para o de característica rural. “Hoje as principais atividades econômicas da região são a pecuária, o turismo e a exploração mineral”. <sup>(17)</sup>

Imensas reservas de calcário favoreciam as indústrias de cimento e as riquezas minerais atraíam as mineradoras, assim durante a Segunda Guerra Mundial, foi iniciada a atividade industrial da cidade. Em 1950 veio o grupo Itaú, em 1975 chegou a Urucum Mineração S/A e a Companhia Vale do Rio Doce. Na década de 1960 acabou o Moinho Mato-grossense que trabalhava o trigo argentino que chegava até Corumbá através do retorno das embarcações que transportavam o minério da região. Com a divisão do Estado e a criação do Estado de Mato Grosso do Sul em 1977, Campo Grande se tornou o centro. À Corumbá restou poucas atividades industriais, com a grande atividade econômica assentada na pecuária e um comércio de pequena expressão. O comércio voltou a dinamizar um pouco com o asfaltamento da BR-262 em 1986. O turismo começou a ser desenvolvido muito

---

<sup>(16)</sup> Ibidem p. 30

<sup>(17)</sup> Ibidem

artesanalmente nos fins da década de 70, o que permitiu que o casario antigo do Porto Geral não fosse totalmente depredado e houve a ocupação dos prédios portuários pelos novos empresários do setor. “A região se voltou para aproveitar a principal mercadoria que possui: a natureza”.<sup>(18)</sup>

Para que se torne social na medida em que se torna gerador de emprego integrando a região social e culturalmente, e não apenas atividade econômica, o turismo doméstico (que consolidou na década de 80), precisa de investimentos financeiros e recursos humanos. Uma infra-estrutura que começou a surgir para atender essa demanda com esse turismo, modificou a paisagem urbana com a construção de hotéis, pousadas, barco hotel, restaurantes, bares e outros estabelecimentos necessários para atender cada vez melhor o turista, e mudou a economia de Corumbá.<sup>(19)</sup>

Para trazer dinamismo à economia projetos estão sendo estudados, tais como: pólos industriais com base nos minérios da região, recuperação da hidrovia, o avanço da fronteira agrícola para o interior da Bolívia. “O gasoduto que já foi construído e agora a termoelétrica que utilizará o gás natural boliviano”.<sup>(20)</sup>

“Da época de grande prosperidade Corumbá guarda preciosos registros como seus belos casarões e sobrados em estilo europeu tombados em 1992 pelo Patrimônio Histórico Nacional”.<sup>(21)</sup>

---

<sup>(18)</sup> Ibidem p. 30

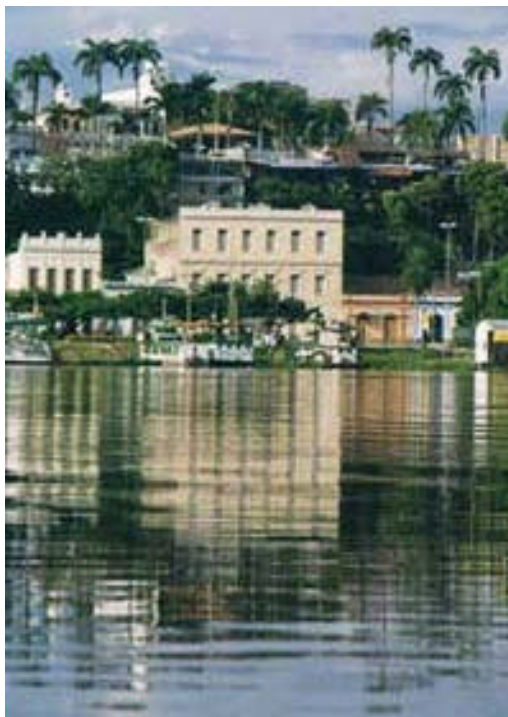
<sup>(19)</sup> Ibidem

<sup>(20)</sup> Ibidem

<sup>(21)</sup> Ibidem



Foto 2 - Vista do casario do porto em Corumbá



Fonte: (<http://rmtonline.globo.com/ms/turismo/turismo.htm> em 17jun2004)

Segundo o Sebrae, por abranger 37% do Pantanal Brasileiro ou 60% do Pantanal do Mato Grosso do Sul, Corumbá é considerada a capital do Pantanal. Através da rodovia BR-262 a cidade de Corumbá está interligada a Campo Grande (403Km) e aos demais municípios do Estado, passando pelos municípios de Terenos (380Km), Anastácio (280Km) e Miranda (206Km). São aproximadamente 225 km pelo Pantanal, depois do município de Miranda, com um percurso de paisagem impar, com fauna e flora exuberantes. <sup>(22)</sup>

Os Pontos Turísticos em Corumbá são: <sup>(23)</sup>

**Cacimba da Saúde** - Próximo a Casa do Massa Barro existe um minadouro de água gelada e transparente. Sua nascente exhibe o leite de pedras na qual é formada. Há quem diga que suas águas são medicinais. Ali revela um lugar onde meninos do local se encontravam para brincar e se banhar naquele lago. Hoje, temos um portal que se abre para o Parque da Cacimba, inaugurado em junho de 2003.

---

<sup>(22)</sup> Idem p. 30

<sup>(23)</sup> [//www.corumba.com.br/corumba/index.htm](http://www.corumba.com.br/corumba/index.htm) em 13/out/2005

**Casa da Escultora** - Na casa das Artes Izulina Xavier estão expostos artesanatos confeccionados em pó de pedra e concreto, cerâmica e entalhes de madeira. Está aberta entre as 8 e às 17 hs, durante a semana.

**Casa do Artesão** - No prédio que até os anos 70 funcionava a cadeia pública, pode se encontrar artesanato em couro, madeira e cerâmica feito por artesãos da região, além do artesanato indígena. Sem falar dos mais deliciosos licores caseiros. Não existem registros da construção do prédio, apenas de sua primeira restauração (1893). A casa foi fundada em 1975 e teve as celas transformadas em lojas comerciais ou locais de produção.

**Casa do Massa-Barro** - Foi criada para incentivar a arte em cerâmica. Seus artistas são crianças e adolescentes que modelam a flora e animais Pantaneiros com argila.

**Casario do Porto** - Tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional em 1992, o cartão postal da cidade ainda guarda vestígios de um período de grande prosperidade. Os prédios abrigavam grandes empórios, 25 agências bancárias internacionais, curtumes e a primeira fábrica de gelo do Brasil. O prédio Wanderley, Baís&Cia, construído em 1876 é um dos mais belos do porto, no local funciona hoje a Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Turismo e a Fundação de Cultura do Pantanal.

Outro casarão de igual valor arquitetônico é a casa Vasquez & Filhos, construída em 1909 pelo arquiteto italiano Martino Santa Lucci.

O casario que fica no Porto geral é um dos principais pontos turísticos da cidade. Em 1814, foi o 3º maior Porto da América Latina. Desembarcavam de transatlânticos com mercadorias para compra e venda da Europa para o Brasil.

**Cristo Rei do Pantanal** - A imagem de 12 metros de altura do Cristo Rei do Pantanal, localizada no alto do morro do Cruzeiro

**Escadinha da Quinze** - Seus 126 degraus dão acesso da parte alta da cidade ao Porto Geral. Construída em 1923 foi restaurada pela Prefeitura. Situada no cruzamento da Avenida General Rondon com a Quinze de Novembro proporciona uma vista inesquecível do rio Paraguai e do Pantanal.

**Estrada Parque** - Pode se ver ao longo dos seus 120 km e 87 pontes de madeira, aves, mamíferos e jacarés. Na Estrada Parque se encontra o Porto da Manga que se destaca pela mostra maravilhosa da flora dos ipês, das bocaiúvas e animais vivendo em perfeito entrosamento.

**Forte Coimbra** - Localizado numa área de difícil acesso (apenas de avião ou barco) foi construído em 1775 para defender o território brasileiro contra as invasões espanholas. Foi cenário também de batalhas na época da Guerra do Paraguai. Tombado em 1975 hoje cedia a artilharia de costa da 18ª Brigada de Infantaria de Fronteira do Exército.

**Forte Junqueira** - Construído em 1871 logo após a Guerra do Paraguai, está localizado numa área privilegiada de onde se avista o Pantanal. Os doze canhões fabricados na Inglaterra nunca foram usados. As paredes são de calcário e tem meio metro de espessura. O Forte que está situado hoje dentro do Quartel do 17º Batalhão de Caçadores tem esse nome em homenagem a José Oliveira Junqueira, Ministro da guerra na época de sua construção.

**Igreja Nossa Senhora da Candelária** - Inaugurada com solenidade em 1877, a igreja localizada em frente a Praça da República tem em seu altar um brasão da Coroa portuguesa

**Instituto Luiz de Albuquerque** - No museu pode se encontrar animais empalhados, peças de várias tribos indígenas da região, sessões de artes plásticas e de artesanato em couro e barro, utensílios usados nas fazendas centenárias, objetos pessoais dos primeiros desbravadores do Pantanal e do Marechal Cândido Maria da Silva Rondon. O prédio de arquitetura francesa construído em 1922 para abrigar um grupo escolar foi restaurado para dar espaço, além do museu, há duas bibliotecas.

**Ladário** - A cidade que faz divisa com Corumbá tem cerca de 15 mil habitantes e abriga a maior base fluvial da América Latina. O portal de entrada do 6º Distrito

Naval da Marinha foi instalado em 1872 e é chamado o Arco do Triunfo do Pantanal.

**Ladeira Cunha e Cruz** - Conhecida também como "Ladeira da Candelária" é um dos principais acessos ao Porto Geral e ao rio Paraguai. Seu nome é uma homenagem a um capitão da tropa brasileira que derrotou os paraguaios. No local travou-se a sangrenta batalha de 13 de junho de 1867. Uma Segunda ladeira, a José Bonifácio construída em 1922 também liga o centro da cidade ao porto.

**Praça da Independência** - Antigo zoológico da cidade, apenas outras três praças (duas no Brasil e uma na Alemanha) têm o seu estilo arquitetônico. Possui um coreto em forma octogonal importado da Alemanha, de onde veio também o mosaico do calçamento da parte externa. As quatro esculturas que representam as estações do ano foram esculpidas na Itália em Pizza e doadas por um conde italiano que veio caçar no Pantanal. As plantas nativas da região, como o carandá, a bocaiúva e o ipê-roxo, integram a diversificada arborização. Os corumbaenses reverenciam na praça os heróis da Guerra do Paraguai e da 2ª Guerra Mundial. A Praça foi inaugurada em 1917.

**Praça da República** - O local que foi cenário da batalha final da retomada de Corumbá em 1867 tem um obelisco feito em mármore em homenagem aos heróis da Guerra do Paraguai.

**Rio Paraguai** - Margeado por árvores é navegável em quase toda a sua extensão. Ideal para a pesca e passeios fotográficos.

**Santuário M<sup>a</sup> Auxiliadora** - No Santuário está a escultura de madeira de lei construída na década de 50 pelo artista plástico Burgoso, amigo pessoal de Pablo Picasso, que viveu em Corumbá e deixou inúmeras obras de madeira e gesso. Funciona na rua Dom Aquino Correia das 13 hs às 20 hs.

**Via Crucis**- A Via Sacra que mostram o caminho do calvário vivido por Jesus Cristo, desde a condenação por Pôncio Pilatos até a morte na cruz, são representadas pelas 14 estações da Via Crucis em forma de 72 estátuas colocadas ao longo da subida do morro do Cruzeiro. As 14 Estações retratam a Paixão e Morte de Cristo. O Cristo Rei e a Via Sacra foram produzidos pela artista plástica Izulina Xavier

As principais atividades festivas de Corumbá ocupam 6 meses do ano, assim já distribuídas para 2006:

Fevereiro: 23 a 28, Carnaval de Corumbá: Folia no Pantanal;

Mai: 20 a 27, Festival América do Sul;

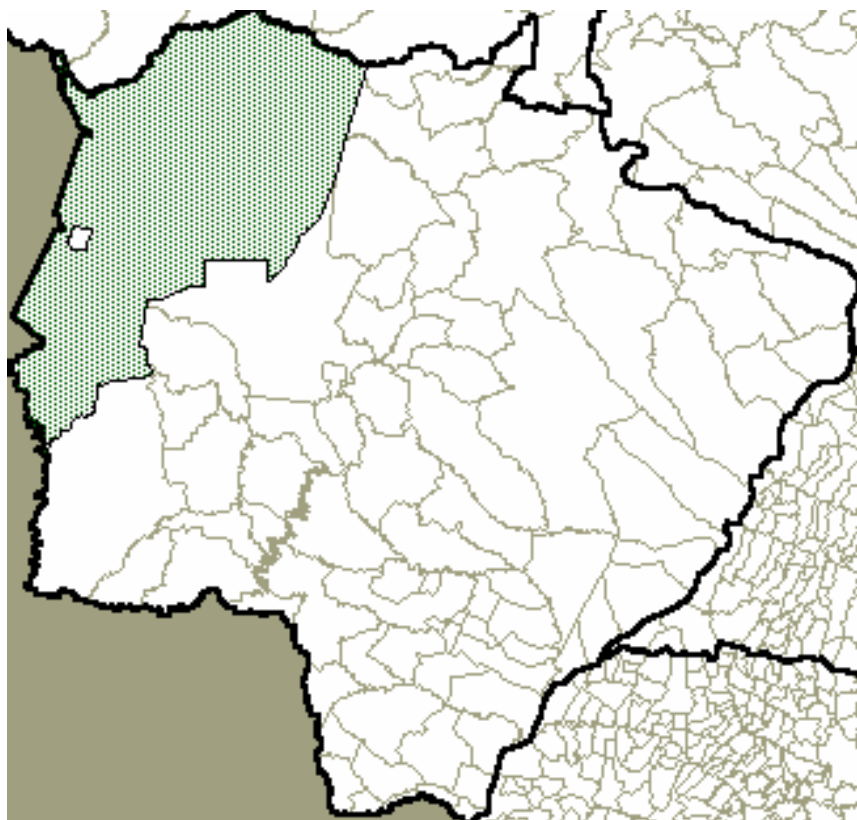
Junho: 22 a 25, Banho de São João de Corumbá;

Setembro: 19 a 24, Feira Agropecuária do Pantanal;

Outubro/Novembro: 30/10 a 05/11, Festival Pantanal das Águas; e, 23 a 26/11, Festival Gastronômico do Pantanal.

### 2.1.1. Caracterização do Município

Mapa 1 – Localização Corumbá



Fonte: ([www.federativo.bndes.gov.br/f\\_bdg.htm](http://www.federativo.bndes.gov.br/f_bdg.htm))

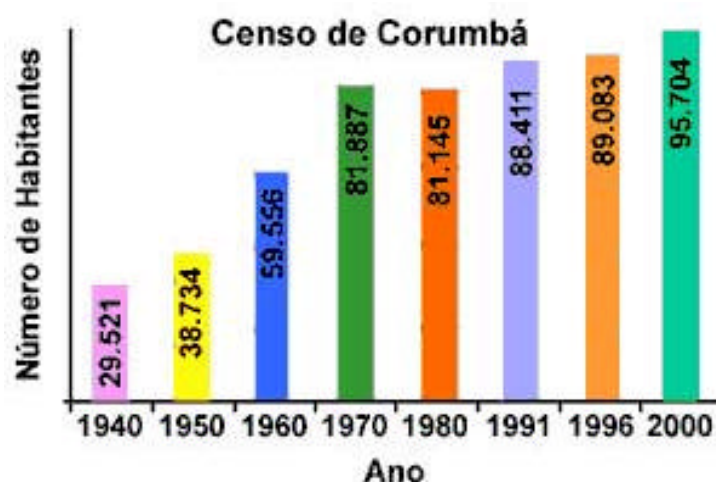
#### Informações Gerais<sup>(24)</sup>

**População:** 95.704 (censo de 2000)

---

<sup>(24)</sup> Idem p. 35

Gráfico 1 – Censo de Corumbá



Fonte: [//www.corumba.com.br/corumba/index.htm](http://www.corumba.com.br/corumba/index.htm) em 13/out/2005

**Data da fundação:** 21 de setembro de 1778

**Ano de Instalação:** 1871<sup>(25)</sup>

**Micro-região:** Baixo Pantanal <sup>(26)</sup>

**Região:** Centro-Oeste <sup>(27)</sup>

**Estado:** Mato Grosso do Sul (77 municípios) <sup>(28)</sup>

**Acesso rodoviário:** BR-262 (asfaltada)

**Acesso aéreo:** vôo de segunda a sexta - feira, pela empresa aérea TAM

**Cobertura em comunicação:** Vivo Celular e Claro / DDD (067)

**Área:** 64.960,863 mil quilômetros quadrados. Representa 18,19% do Estado. <sup>(29)</sup>

<sup>(25)</sup> Municípios em Dados – Banco Federativo-BNDES JUL 2005

<sup>(26)</sup> Idem

<sup>(27)</sup> Ibidem

<sup>(28)</sup> Ibidem

<sup>(29)</sup> SEPLANCT – Secret. de Planej. e de Ciência e Tecnologia do Gov. Estado de MS. Banco de Dados do Estado-BDE/MS ([www.seplanct.ms.gov.br/](http://www.seplanct.ms.gov.br/) em Ago/2005).

**Distritos, conforme Censo 2000:** Albuquerque (1.846 hab); Amolar (239 hab); Coimbra (674 hab); Nhecolândia (1.391 hab); Paiaguás (1.992 hab); e Porto Esperança (755 hab).<sup>(30)</sup>

**Altitude:** 118 metros acima do nível do mar

**Distância da capital:** 426 quilômetros de Campo Grande

**Temperatura:** média de 32 graus no verão e frio e seco no inverno com média em torno de 21 graus

**Localização:** margem direita do rio Paraguai

**Limites:** Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Santo Antônio do Leverger, Ladário, Porto Murtinho, Miranda, Aquidauana, Rio Verde do Mato Grosso, Coxim, Pedro Gomes, a Bolívia e o Paraguai.

**Clima:** tropical úmido.

**Atividades principais:** Turismo, pesca, pecuária e mineração.

A estrutura atual de governo de Corumbá é formada por<sup>(31)</sup>

## 1) Gabinete do Prefeito

### 1.1) Prefeito

### 1.2) Vice-Prefeito

### 1.3) Chefe de Gabinete do Prefeito

### 1.4) Assessor de Gabinete

### 1.5) Assessor I

### 1.6) Ouvidoria

## 2) Secretarias

### 2.1) Secretaria Municipal de Governo

---

<sup>(30)</sup> SEPLANCT – Secret. de Planej. e de Ciência e Tecnologia do Gov. Estado de MS. Banco de Dados do Estado-BDE/MS ([www.seplanct.ms.gov.br/](http://www.seplanct.ms.gov.br/) em Ago/2005).

<sup>(31)</sup> ([//www.corumba.ms.gov.br/](http://www.corumba.ms.gov.br/) em 3/nov/2005)

- 2.2) Secretaria Municipal de Receita, Gestão e Controle**
- 2.3) Secretaria Municipal de Infra-Estrutura**
- 2.4) Secretaria Municipal de Educação**
- 2.5) Secretaria Municipal de Saúde**
- 2.6) Secretaria Municipal de Turismo**
- 2.7) Secretaria Municipal de Meio Ambiente**
- 2.8) Secretaria Municipal de Pecuária e Agricultura**
- 2.9) Secretaria Municipal de P. Humanas e I. Social**
- 3) Outros Órgãos**
  - 3.1) Advocacia Geral do Município**
  - 3.2) Agência de Trânsito**
  - 3.3) Fundação de Cultura do Pantanal**
  - 3.4) Fundação de Esportes de Corumbá**
  - 3.5) Superintendência de Integração das Políticas Sociais**
  - 3.6) Superintendência de Art. das P. Públicas p/ Mulher**
  - 3.7) Subsecretaria de Comunicação Social**

A população, conforme Censo/2000 era de 95.704, sendo 90% urbana e 10% rural. A estimativa para 2002 foi de 97.235 habitantes. A taxa média de crescimento da população é de 0,89% . A taxa de mortalidade infantil 31,3 por mil habitantes, e, a esperança de vida ao nascer é de 71,4 anos <sup>(32)</sup> .

Na área da educação os analfabetos com mais de 15 anos no Município é de 9,04%. Está abaixo do índice do Estado com 11,19% e do país com 13,63% <sup>(33)</sup> .

---

<sup>(32)</sup> Ibidem p. 39

<sup>(33)</sup> Ibidem

Os serviços de água tratada atingem cerca de 96,7%, os de esgoto sanitário cerca de 32,5% e o de coleta de lixo: 90,1% <sup>(34)</sup> .

## IDH

Quadro 1 - Índice de Desenvolvimento Humano

IDH	Corumbá		Estado	Brasil
	1991	2000	2000	2000
Total	0,722	0,771	0,769	0,757
Renda	0,642	0,678	0,718	0,72
Longevidade	0,711	0,773	0,724	0,71
Educação	0,812	0,862	0,864	0,83
Rank no Brasil	-	1307°	8°	-
Rank no Estado	-	16°	-	-

Fonte: Municípios em Dados - Banco Federativo – BNDES Jul/2005

Ruiter Cunha de Oliveira, quando então era candidato ao governo municipal de Corumbá, em seu Plano de Governo 2004 fez o seguinte relato:

Corumbá tem os problemas comuns às cidades brasileiras do seu porte, a começar pela concentração de renda. Há décadas os 20% mais ricos ficam com 66% da renda. Enquanto isso, os 40% mais pobres vêm decrescendo sua participação na renda, de 8,66% em 1991 para 7,82% em 2000. Em 2003 a situação está um pouco pior. O recadastramento da população dos Programas de Inclusão Social do Governo Estadual mostrou que mais de 50% da população vive abaixo da Linha da Pobreza (abaixo de R\$ 100 de renda per capita), situação pior que a média estadual. Ou seja, nossa dívida social vem aumentando.

O crescimento da dívida social guarda simetria com o desenvolvimento econômico insuficiente. De 1991 a 2000, a população total aumentou 8,25% e a renda per capita cresceu 20,10%, o que parece satisfatório, se no mesmo período a intensidade da indigência não tivesse aumentado em 48,22%.

A taxa de desemprego em 2000 de Corumbá, segundo Ruiter Cunha de Oliveira, era de 19,6%, maior do que a média estadual de 13,7%, e, enquanto que a média mensal da

<sup>(34)</sup> Ibidem p. 39



receita própria municipal em 1998 era de R\$ 616,6mil e de R\$ 908,3 mil em 2002, uma diferença de 46,12%, cresceu menos em termos nominais que a média mensal da receita própria estadual que era em 1998 de R\$ 45 milhões e em 2000 de R\$ 200 milhões, uma diferença de 344%.

Em seu Relatório, Ruitter Cunha de Oliveira informa que havia um nível considerável de crianças nas ruas da cidade, em muitos casos trabalhando, tendo como causas, entre outros:

- a) Crianças e jovens sem atividades durante parte do tempo;
- b) A juventude não era ouvida pelo poder público;
- c) As ações governamentais da prefeitura não levavam em consideração as especificidades dos cidadãos;
- d) O elevado nível de desemprego;
- e) Falta de apoio das empresas privadas, da sociedade e da sociedade civil organizada para criação das parcerias na área de esporte e lazer;
- f) Qualidade de ensino ruim;
- g) Política de atendimento a juventude desintegrada de outras políticas (saúde, educação, cultura, etc);
- h) Acesso aos programas sociais não disponíveis a toda população; e,
- i) Políticas sociais implantadas não eram uniformes.

Uma situação que acaba, constata Ruitter Cunha de Oliveira, criando uma possibilidade de marginalização, gera alto índice de violência de jovens no município (gângues), índice alarmante de prostituição infantil e violência urbana e rural, e alto consumo e comercialização de drogas no município.

O Atlas: Inclusão/Exclusão Social (UFMS/2005), demonstra em seu Mapa de Nº 71 a distribuição das áreas de inclusão e exclusão/social em Corumbá, sendo os pontos críticos em vermelho com maior número de famílias excluídas da cidade, que são os setores Centro/Hawaí, Aeroporto (abaixo da Rua Marechal Deodoro), Popular Velha, Cristo Redentor, Jardim dos Estados, Conjunto Primavera, Loteamento Pantanal e Nova Aliança:

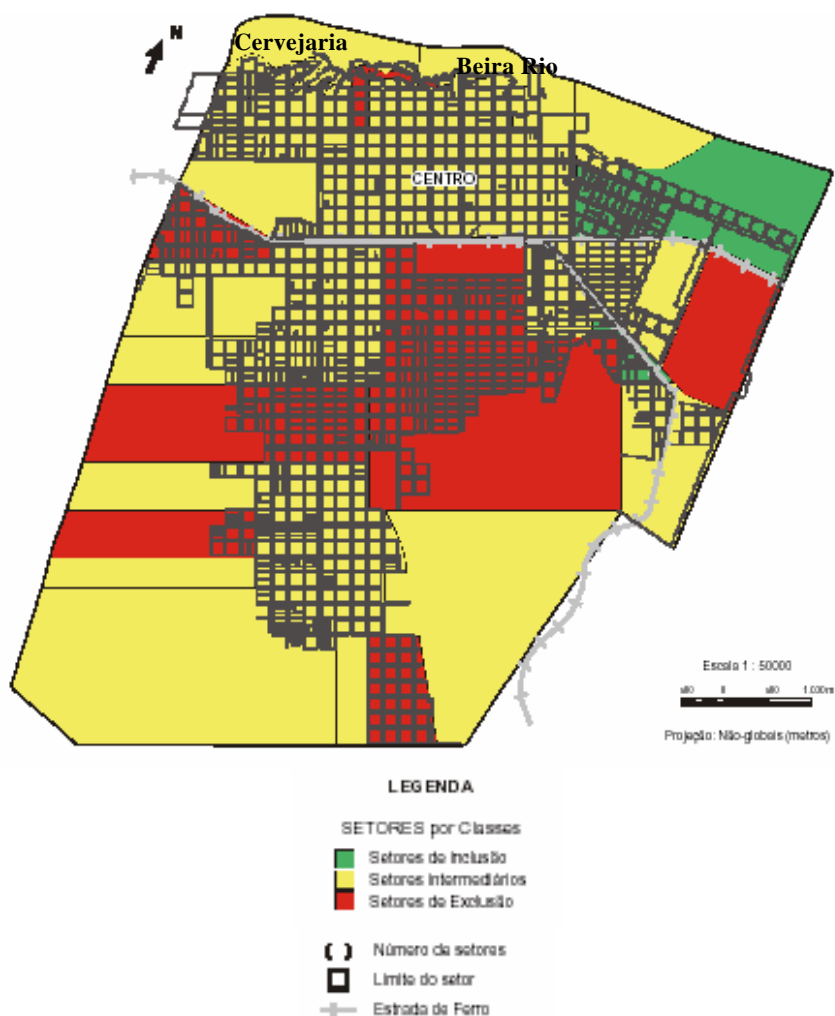
A partir de diferentes indicadores de qualidade de vida, sociais e econômicos, como os percentuais de: domicílios sem rendimentos, domicílios com renda de até 1 salário mínimo, domicílios com renda acima de 20 salários mínimos, pessoas deficientes acima de 19 anos que não trabalham, domicílios com aluguel de até R\$ 100,00, analfabetismo entre 07 e 14 anos, pessoas deficientes de 10 a 19 anos que não estudam, domicílios atendidos pela coleta de lixo, domicílios com fossa, pessoas que não possuem plano de saúde, domicílios com relato de dengue e domicílios nos quais as pessoas procuram o posto de saúde, foi produzida a análise sobre as desigualdades sócio-espaciais, que poderão subsidiar o processo de planejamento e aplicação de políticas públicas locais e regionais.

Os resultados, por setor, de cada um dos indicadores selecionados a partir dos mapas anteriores, foram transformados em escala variando de 1 a 4, segundo regra de quartis. Isto é, calculados os quartis da distribuição obtida em cada indicador, foi estabelecido que os quartis seriam agrupados em ordem crescente do pior para o melhor, sendo que o primeiro recebeu nota 4, o segundo nota 3, o terceiro nota 2 e o último nota 1, de maneira a expressar a posição relativa do setor frente ao conjunto de setores da cidade. Com tal operação, foi possível estabelecer um parâmetro de comparação entre os setores, segundo uma escala ordinal.

Da análise dos resultados destes indicadores apresenta-se o mapa de inclusão/exclusão social da cidade de Corumbá/MS, da seguinte forma:

- Em vermelho apresentam-se os pontos críticos, com maior número de famílias excluídas da cidade, são os setores: Centro/Hawaí, Aeroporto (abaixo da Rua Marechal Deodoro), Popular Velha, Cristo Redentor, Jardim dos Estados, Conjunto Primavera, Loteamento Pantanal e Nova Aliança.
- Em amarelo os setores intermediários.
- Em verde predominam famílias onde os indicadores de qualidade de vida são diferenciados.

Mapa 2 - Inclusão/Exclusão Social



Fonte: Atlas: Inclusão/Exclusão Social (UFMS/2005)

Segundo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil – 2003, do PNUD<sup>(35)</sup>, em 83% dos municípios brasileiros, a dimensão que mais se desenvolveu ao longo da década de 90 foi a educação. Na média das 5.507 cidades, o subíndice de educação cresceu 25% entre 1991 e 2000, contra um crescimento de 12% do subíndice de longevidade e de 11% do subíndice de renda.

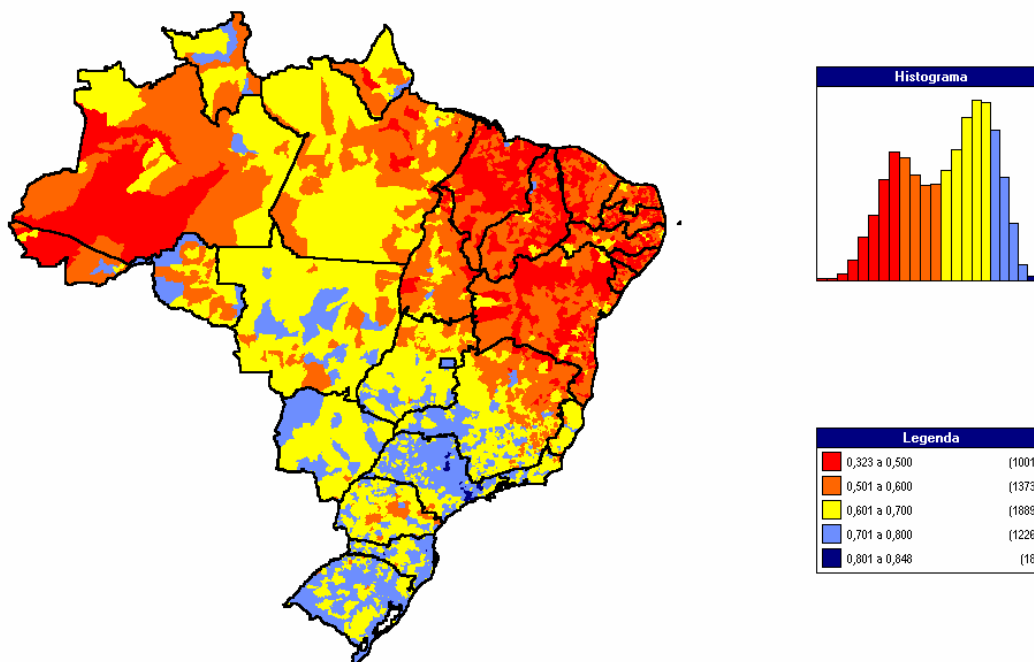
Embora a alfabetização da população tenha crescido, relata o Atlas, o que mais puxou a evolução educacional foi a taxa bruta de freqüência à escola, que é a divisão do

<sup>(35)</sup> //www.pnud.org.br/atlas em 03set2005

número de alunos de todos os níveis de ensino residentes no município pela população de 7 a 22 anos (faixa etária ideal das pessoas que estudam) do mesmo município. Em 96% das cidades brasileiras, continua o relatório, o crescimento dessa taxa foi proporcionalmente maior do que o aumento da alfabetização. O Relatório constata que se trata de um indicador que privilegia a oportunidade de acesso das pessoas à escola, mas não mede propriamente a qualidade do ensino ofertado.

### Mapa 3 - IDH Municipal 1991

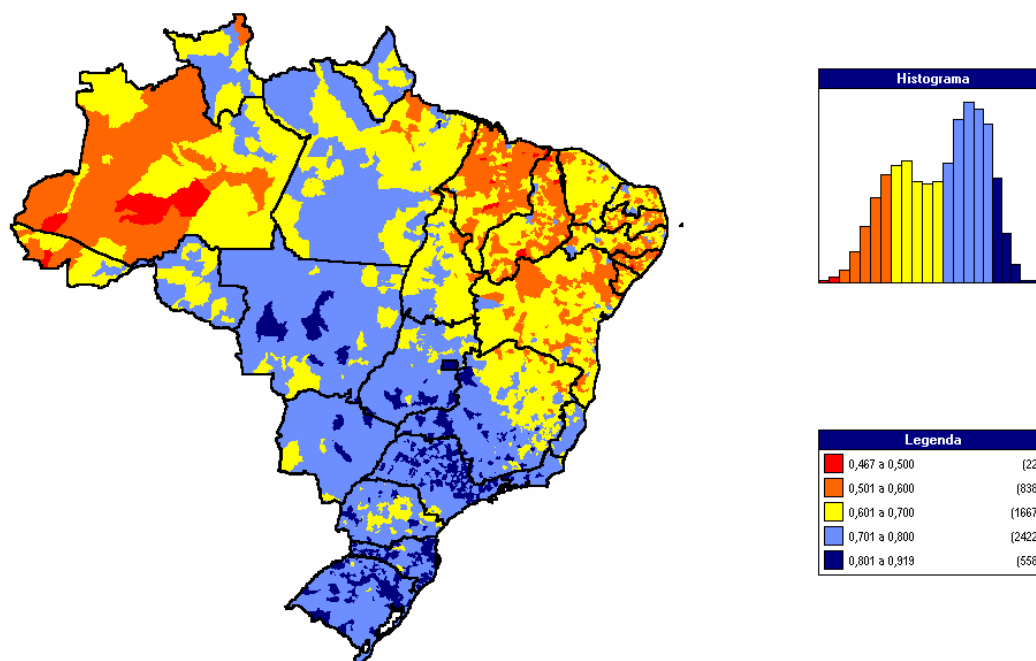
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, 1991  
Todos os municípios do Brasil



Fonte: [//www.pnud.org.br/atlas/PR/Press\\_Release\\_2.doc](http://www.pnud.org.br/atlas/PR/Press_Release_2.doc) em 03set2005

## Mapa 4 - IDH Municipal 2000

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, 2000  
Todos os municípios do Brasil



Fonte: [http://www.pnud.org.br/atlas/PR/Press\\_Release\\_2.doc](http://www.pnud.org.br/atlas/PR/Press_Release_2.doc) em 03set2005

Conforme Relatório, olhando-se os mapas, percebe-se que, embora ainda haja uma discrepância muito grande do IDH-M entre as Grandes Regiões do país, a faixa vermelha deixou de preponderar na região Nordeste. E o Centro-Oeste foi invadido por uma onda azul clara. As maiores concentrações de municípios na faixa mais alta do desenvolvimento humano estão em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, embora sejam visíveis as manchas azuis escuras também no Triângulo Mineiro, nas fronteiras agrícolas do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e no sul de Goiás. (Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil-2003, do PNUD)

Cálculo do IDH Municipal (IDH-M) segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2003) do PNUD:

O Índice de Desenvolvimento Humano foi criado originalmente para medir o nível de desenvolvimento humano dos países a partir de indicadores de educação (alfabetização e taxa de matrícula), longevidade (esperança de vida ao nascer) e renda (PIB per capita). O índice varia de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total). Países com IDH até 0,499 têm desenvolvimento humano considerado baixo; os países com índices entre 0,500 e 0,799 são considerados de médio desenvolvimento humano; países com IDH maior que 0,800 têm desenvolvimento humano considerado alto.

Para aferir o nível de desenvolvimento humano de municípios as dimensões são as mesmas – educação, longevidade e renda –, mas alguns dos indicadores usados são diferentes. Embora meçam os mesmos fenômenos, os indicadores levados em conta no IDH municipal (IDHM) são mais adequados para avaliar as condições de núcleos sociais menores.

Para a avaliação da dimensão educação, o cálculo do IDH municipal considera dois indicadores, com pesos diferentes: taxa de alfabetização de pessoas acima de 15 anos de idade (com peso dois) e a taxa bruta de frequência à escola (com peso um). O primeiro indicador é o percentual de pessoas com mais de 15 anos capaz de ler e escrever um bilhete simples (ou seja, adultos alfabetizados). O calendário do Ministério da Educação indica que se a criança não se atrasar na escola ela completará esse ciclo aos 14 anos de idade, daí a medição do analfabetismo se dar a partir dos 15 anos. O segundo indicador é resultado de uma conta simples: o somatório de pessoas (independentemente da idade) que freqüentam os cursos fundamental, secundário e superior é dividido pela população na faixa etária de 7 a 22 anos da localidade. Estão também incluídos na conta os alunos de cursos supletivos de primeiro e de segundo graus, de classes de aceleração e de pós-graduação universitária. Apenas classes especiais de alfabetização são descartadas para efeito do cálculo.

Para a avaliação da dimensão longevidade, o IDH municipal considera o mesmo indicador do IDH de países: a esperança de vida ao nascer. Esse indicador mostra o número médio de anos que uma pessoa nascida naquela localidade no ano de referência (no caso, 2000) deve viver. O indicador de longevidade sintetiza as condições de saúde e salubridade daquele local, uma vez que quanto mais mortes houver nas faixas etárias mais precoces, menor será a expectativa de vida observada no local.

Para a avaliação da dimensão renda, o critério usado é a renda municipal per capita, ou seja, a renda média de cada residente no município. Para se chegar a esse valor soma-se a renda de todos os residentes e divide-se o resultado pelo número de pessoas que moram no município (inclusive crianças ou pessoas com renda igual a zero). No caso brasileiro, o cálculo da renda municipal per capita é feito a partir das respostas ao questionário expandido do Censo – um questionário mais detalhado do que o universal e que é aplicado a uma amostra dos domicílios visitados pelos recenseadores. Os dados colhidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através dessa amostra do Censo são expandidos para o total da população municipal e, então, usados para o cálculo da dimensão renda do IDH-M.

Uma vez escolhidos os indicadores, são calculados os índices específicos de cada uma das três dimensões analisadas: IDHM-E, para educação; IDHM-L, para saúde (ou longevidade); IDHM-R, para renda. Para tanto, são determinados os valores de referência mínimo e máximo de cada categoria, que serão equivalentes a 0 e 1, respectivamente, no cálculo do índice. Os sub-índices de cada município serão valores proporcionais dentro dessa escala: quanto melhor o desempenho municipal naquela dimensão, mais próximo o seu índice estará de 1. O **IDHM de cada município** é fruto da média aritmética simples desses três sub-índices: somam-se os valores e divide-se o resultado por três ( $IDHM-E + IDHM-L + IDHM-R / 3$ ).

Quadro 2 - ECONOMIA : extração, indústria, pecuária e turismo

	Município	Estado	Brasil
Valor do PIB:	297,30 milhões	9,46 bilhões	694,97 bilhões
Agropecuária:	18,00%		
Indústria:	8,60%		
Serviços:	73,40%		
PIB per Capita:	R\$3.337,38	R\$4.907,48	R\$4.958,85

Fonte: Municípios em Dados - Banco Federativo – BNDES Jul/2005

Quadro 3 - Finanças Públicas

<b>Finanças Públicas</b>	
Receita Orçamentária:	R\$ 51,5 milhões
Receitas Correntes:	R\$ 51,4 milhões
Receitas Tributárias:	R\$ 4,3 milhões
Transferências:	R\$ 42,5 milhões
Outras Receitas:	R\$ 4,7 milhões
Receitas de Capital:	R\$ 64,0 mil

Fonte: Municípios em Dados - Banco Federativo – BNDES Jul/2005

**Exportação:** R\$ 30.264.431,00 <sup>(36)</sup> .

**Instituições financeiras:** 5 agências <sup>(37)</sup> .

---

<sup>(36)</sup> Ibidem p. 39

<sup>(37)</sup> Ibidem

Quadro 4 - Firmas Formais

<b>Firmas Formais</b>					
Trabalhadores:	0-4	5-19	20-99	100-499	500+
Número:	983	322	54	9	1
% Estado:	3,20%	4,16%	3,74%	3,37%	1,52%

Fonte: Municípios em Dados - Banco Federativo – BNDES Jul/2005

Quadro 5 - Emprego Formal

<b>Emprego Formal</b>					
Trabalhadores:	0-4	5-19	20-99	100-499	500+
Número:	1.688	2.836	1.955	1.335	1.717
% Estado:	3,68%	4,22%	3,66%	2,27%	1,79%

Fonte: Municípios em Dados - Banco Federativo – BNDES Jul/2005

Quadro 6 - Principais Setores de Atividade

<b>Principais Setores de Atividade (Agropecuária e Indústria)</b>					
<b>Por Firma</b>			<b>Por Emprego</b>		
Cód.	Descrição do Setor	Nº. de Firmas	Cód.	Descrição do Setor	Nº. de Empregos
01414	Criação de bovinos	332	01414	Criação de bovinos	1492
01503	Produção mista: lavoura e pecuária	27	13000	Extração de minerais metálicos	298
01627	Serviços relacionados com a pecuária	16	01503	Produção mista: lavoura e pecuária	115

Fonte: Municípios em Dados - Banco Federativo – BNDES Jul/2005



## 2.2 ARTESANATO REGIONAL: CASA DO MASSA BARRO

Foto 3 - Casa do Massa Barro



Fonte: [www.corumba.com.br/english/pontos.html](http://www.corumba.com.br/english/pontos.html)

O nome, segundo a Associação, bastante sugestivo, foi inspirado pelo poeta da terra conhecido como Gabriel Vandoni de Barros, por comparar o trabalho do pássaro com o barro para construir o seu ninho, com as criações em cerâmica que poderiam sair das mãos das crianças, “transformando sonhos em realidade”. Massa Barro, para fins de ilustração, é um nome regional do João de Barro, pássaro cuja cor é cor de terra que constrói com barro o seu próprio ninho.

Teve a sua constituição, conforme documentos da Associação, em 4 de outubro de 1982, num modesto rancho, situado à Rua Cacimba da Saúde, s/nº - Cervejaria, Cep.: 79331-120, em Corumbá. Hoje está em prédio próprio, construído por Gabriel Vandoni de Barros. A Casa do Massa Barro é formada por voluntários: Diretora - Ida Sanches Mônaco; Vice-Diretora - Josephina Por Deus da Silva; 1º Secretário -Enilson Rosano de Campos; 2º

Secretário - Valdenir Maciel Delgado; 1º Tesoureiro - Carlos Alberto Mônaco; e, 2º Tesoureiro - Lourival Moraes Fernandes.

Relatamos a seguir sobre cada um de seus integrantes, suas expectativas e sentimentos em relação à Casa:

Ida Sanches Monaco (Diretora), nascida em 8/jul/1930, em São Paulo-SP, e Josephina Por Deus da Silva (Vice-Diretora), nascida em 5/set/1929, em Corumbá-MS. Ambas, voluntárias na Casa, artistas plásticas, com formação escolar ensino fundamental incompleto (4ª série). Tinham como atividade anterior desenvolvida lides do lar. O pensamento de Ida Sanches Monaco em relação à Casa de Massa Barro é que se revelem cada vez mais artistas com talento e criatividade, e que, em relação ao seu futuro seja reconhecida pelos *poderes constituídos*, colaborando para que a mesma não se acabe. Já Josephina Por Deus da Silva tem como pensamento que a Casa continue e cresça com os mesmos objetivos, criando novos artistas. Sua expectativa em relação ao futuro da Casa que cresça e progrida e que as autoridades vejam o trabalho que prestam há 23 anos.

Foto 4 – Ida Sanches Monaco (2º plano) e Josephina Por Deus da Silva (1º plano)



Fonte: Rosângela Carla de Oliveira Müller em 25/10/2005

Carlos Alberto Monaco (1º Tesoureiro), nascido em 30/maio/1930, em Corumbá-MS, militar da reserva - Capitão QDA – R1, também pecuarista, e voluntário da Casa. Tem como formação escolar o ensino médio completo em Técnico de Contabilidade. Não é artesão. Seu pensamento em relação a Casa é que é uma bela instituição pelos serviços prestados nesses 23 anos de existência, com os menores carentes, tirando-os da rua e da marginalidade e dando-lhes uma profissão (artesão). Entristece-se com a falta do devido reconhecimento pelos mesmos e pelas autoridades responsáveis pelo setor. Sua expectativa em relação ao futuro da Casa, caso as autoridades constituídas não venham a prestar-lhes auxílio financeiro para o seu funcionamento, é de que é comprometedor. Os 20% destinados pelos próprios associados para manutenção da Casa, segundo ele, ‘faz milagres’.

Foto 5 - Carlos Alberto Monaco



Fonte: Rosângela Carla de Oliveira Müller em 25/10/2005

Lourival Moraes Fernandes (2º Tesoureiro), nascido em 20/set/1972, em Corumbá-MS, formado em Pedagogia, trabalha como professor da pré-escola (pré 1,2 e 3) também voluntário, está na Casa a mais ou menos 22 anos e continua atuando como artesão. Seu pensamento em relação à Casa é que é uma entidade que auxilia tanto na formação

profissional quanto na formação cultural. Sua expectativa em relação ao futuro da associação é que melhore cada vez mais e que outros órgãos reconheçam os trabalhos e os auxiliem.

Foto 6 – Lourival Moraes Fernandes



Fonte: Rosângela Carla de Oliveira Müller em 25/10/2005

Enilson Rosa de Campos (1º Secretário), nascido em 8/jun/1975, e, Valdenir Maciel Delgado (2º Secretário), nascido em 3/jan/1977, ambos são nascidos em Corumbá-MS, voluntários e artesãos na Casa. Enilson tem Ensino Médio completo. Para ele a Casa é um segundo lar onde aprimora seus conhecimentos e expressa sua criatividade, além de contribuir na aprendizagem e profissionalização dos aprendizes que ali ingressam. Já Valdenir Maciel Delgado tem ensino Superior, é formado em Matemática. Para ele o aspecto fundamental da Casa é que é um lugar que possibilita trabalhar como artesão dando condições e tempo para o estudo.

Foto 7 – Enilson Rosa de Campos



Fonte: Rosângela Carla de Oliveira Müller em 25/10/2005

Ida Sanches Monaco nos relata como surgiu a Associação com a ajuda de Gabriel

Vandoni de Barros e Maria do Barro:

É... sabe o que acontece... teve a esposa do Dr. Fadah, uma artista plástica, Marina, ela fez um curso de cerâmica pras pessoas do círculo de amizade dela. Várias senhoras fizeram esse curso. Terminado o curso, eu e a Josephina e uma outra senhora, descobrimos que o Prodarte, antigo departamento do INCRA (órgão do governo do Estado), ia dar um curso nos bairros de periferia, 'pros' ribeirinhos, práns esposas dos pescadores. Era um curso de cerâmica "utilitárias". Eu e a Josephina sempre gostamos muito de fazer cerâmica, eu mais pra fazer escultura, mais pra fazer um outro tipo de arte no barro e a Josephina era mais fazer artesanato... ela fazia tanto utilitários como decorativos. Ficamos conhecendo D. Maria do Barro, 'tava' monitora do Incra, do Prodarte. Como duas curiosas, fomos lá, perguntamos, e... acho que D. Maria (do Barro) gostou da gente, e deu essa chance pra nós fazermos o curso. Marina, esposa do Dr. Fadah era muito amiga do Dr. Gabriel Vandoni de Barros veio um dia ver onde é que estávamos fazendo o curso, aqui na beira do rio, com 'Dr. Gabi'... no começo era só meio assim, né...

[...] a criançada do bairro, as crianças do bairro nos rodeavam, ficavam assim... eu falei: 'Dr. Gabi', o senhor não quer construir um barracão pra nós ensinarmos essas crianças? Aí, ele muito calmo, muito assim, ele falou: Tá. Aí ele se comprometeu a construir um 'barraco'. D. Maria do Barro, ela nos orientou a formação de uma associação, deu todas as dicas, toda documentação, como era formado. Então teve uma reunião com os rapazes do bairro, e Josephina, [...] com apoio do 'Dr. Gabi' foi formada uma associação. O barracão que eles nos prometeu foi essa bela arquitetura que você está vendo. Formada a associação... o que aconteceu? Podia ser uma associação só nossa, particular, orientar os meninos mais talentosos... nós começamos a prestar serviço pra comunidade, sem fins lucrativos... as crianças do bairro se cadastraram, foi formada a associação com a orientação da D. Maria do Barro... [...] o menino entrava, tornava-se um associado. A produção na venda, 80% é dele e 20% pra contribuição dos gastos. No começo tivemos apoio dos bons prefeitos: Dr. Fadah, depois entrou Dr. Hugo, depois Dr. Ricardo... No começo nós tínhamos merenda, nós tínhamos funcionário da prefeitura... aí, nas outras gestões... nos outros prefeitos, nos foi tirando, nos foi tirando, hoje a associação ela se mantém sozinha, com os 20% dos associados contribui...

Ao final ela faz um apelo às autoridades e diz que a Associação é a realização de um sonho:

Eu gostaria de acrescentar que as autoridades municipais, governamentais, valorizassem um pouquinho mais pelo serviço que nós prestamos... é muito raro ter 23 anos de funcionamento... você pode acrescentar aí: 'No começo foi um sonho meu, o meu ideal... 23 anos, e eu consegui... se eu morrer amanhã, eu fiz algo nesse mundo...'

Segundo Carlos Alberto Monaco, Ida Sanches Monaco havia pedido a Gabriel Vandoni de Barros que comprasse um “barraco” próximo dali, mas o proprietário queria vender muito caro. Então o “Dr Gabriel viu essa área, que era da Prefeitura, requereu, e construiu o prédio”. Carlos disse, que além de fazendeiro, Gabriel Vandoni de Barros era advogado.

Mapa 5 - Localização Casa do Massa Barro  
(mapa estilizado, sem escala geométrica)



Fonte: [www.mapasturisticos.com.br](http://www.mapasturisticos.com.br) em 29/ago/2005

Trata-se de uma associação artesanal, sem fins lucrativos que foi formada com crianças e rapazes da região da Cervejaria. A associação é destinada principalmente a

trabalhos em cerâmica, não excluídas porém outras atividades correlatas, sob a orientação das senhoras Ida Sanches Monaco e Josephina por Deus da Silva. Trabalham de Segunda a Sexta-Feira nos horários das 07:30 até às 11:00h, e das 13:30 às 17:00h, no Sábado das 07: às 11:00h.

A instituição só tem meninos e rapazes. Houve uma tentativa de ser misto, tanto meninos quanto meninas, mas ficou impossibilitado pela própria convivência das crianças, não se adaptaram, e para evitar ‘problemas’ optaram por ficar com os meninos até porque eles demonstraram muito mais vocação para a atividade artesanal desenvolvida.

Foto 8 - Pequenos artesãos atuando



Fonte: Rosângela Carla de Oliveira Müller em 25/10/2005

O objetivo principal é despertar e estimular crianças e rapazes carentes da região, o gosto pela cerâmica e ao artesanato em geral. Tem um “aspecto de inclusão social” à medida que através do artesanato seja proporcionado às crianças, de uma maneira geral, tirá-las da rua e da marginalidade, colaborando assim com a comunidade ao lhes dar um ofício e uma ocupação. Embora não seja de caráter obrigatório (as crianças permanecem na associação enquanto quiserem), faz com que tenham responsabilidade, num labor útil e digno, onde podem auxiliar suas respectivas famílias ao comercializar suas peças e delas obter oitenta por cento do valor comercializado das peças. Os vinte por cento dos recursos ganhos de suas peças vendidas são destinados à Associação para cobrir gastos com, entre outros, IPTU,

energia elétrica, água, materiais para o artesanato (tintas, pincéis, fita adesiva e outros), gás, material de limpeza e higiene, e gêneros alimentícios.

É sabido que o turismo exerce função de agente de desenvolvimento por ativar as demais atividades econômicas, sociais e promove a melhoria da qualidade de vida do lugar, e dentre as atividades do turismo está o artesanato. O aspecto social do artesanato, mencionando pelo Projeto Experimental Artesanato da Escola de Belas Artes da UFMG/2001, por possibilitar ao artesão melhores condições de vida e atuar contra o desemprego, pode ser considerado elemento de inclusão social: um sistema de trabalho que conta com a participação ativa da família, centro de vida é também núcleo de aprendizagem profissional. Outro aspecto fundamental é que o artesão “desempenha um papel relevante na comunidade e sua arte é fator de prestígio”. Segundo este Projeto o artesanato abrange os valores social, artístico, pedagógico, moral, terapêutico, cultural e psicológico:

Além dessa sua importância histórica, o artesanato abrange outros valores, os quais hoje o tornam reconhecido, universalmente. Os povos mais desenvolvidos do mundo criam instituições destinadas ao seu incremento e o realizam mediante exposições periódicas e feiras anuais de objetos de arte popular, com distribuição de prêmios aos primeiros artesãos colocados, levantamentos de mapas artesanais, amparo comercial e outras medidas inteligentes.

[...]

Examinaremos agora o artesanato sob alguns pontos de vista;

**Social** — Possibilitando ao artesão melhores condições de vida e atuando contra o desemprego, o artesanato pode ser considerado elemento de equilíbrio no país e fator de coesão, de paz social. Conforme se sabe, este sistema de trabalho conta com a participação ativa da família. O lar, então, além de centro de vida é também núcleo de aprendizagem profissional. Outrossim, o mestre-artesão desempenha um papel relevante na comunidade e sua arte é fator de prestígio.

**Artístico** — O artesanato desperta as aptidões latentes do obreiro e aprimora-lhe o intelecto. Suas mãos, obedientes a impulsos mentais e inteligentes, deslocam a matéria-bruta, grosseira e passiva, e convertem-na com o calor de sua imaginação em coisa útil e por vezes bela. É a idéia que deseja a forma. Vale repisar que o povo não faz arte desinteressada ou arte pela arte, mas, não raramente, sobre ser utilitária, suas peças são bem acabadas, produzidas com esmero e revelam bom-gosto. Se o artesão, além de habilidade manual, possuir talento e sensibilidade, aí então ele vira artista. Desse modo, sua experiência artesanal seria apenas uma fase de formação artística.

**Pedagógico** — Isto quer dizer que os trabalhos manuais são de grande valor para a criança em idade escolar, principalmente os de carpintaria, modelagem e papel recortado. Doutra parte, considera-se o artesanato como excelente meio para a educação de certos, que, se bem orientados nesse plano, podem adquirir habilidade prodigiosa e se realizarem na vida, plenamente.



Moral — O artesanato pode dar causa ao aperfeiçoamento espiritual e moral do artesão, sendo certo que o trabalho afasta a pessoa dos vícios e da delinquência. Daí o provérbio "cabeça de desocupado é tenda de satanás", cuja sabedoria e exatidão certamente não se põem em dúvida.

Terapêutico — O artesanato abranda o temperamento hostil ou agitado de pessoas que sofrem desvios de personalidade, as quais poderão corrigir suas aberrações através da ocupação manual. Se, por exemplo, um tipo psicológico agressivo deseja fazer mal a alguém, ele o realiza — digamos no barro, e então se satisfaz, por transferência, assim se liberta do incômodo, livra-se de seu estado de tensão e obtém o equilíbrio intrapsíquico ou paz interior. Esse trabalho se recomenda ainda a certos enfermos que são obrigados a permanecer no leito durante muito tempo, embora tenham válidas as mãos e possam produzir certos objetos que exigem mais habilidade e paciência do que esforço físico.

Cultural — O artesão imprime traços de sua cultura nos objetos que produz, consciente ou inconscientemente. Muitas de suas tradições, como símbolos mágicos e crenças, ficam marcadas em suas peças.

Psicológico — O artesão se sente valorizado com sua arte porque faz objetos que têm serventia e isto lhe dá a certeza íntima de ser útil à comunidade. Ademais, e apesar do caráter regional do artesanato, o objeto produzido não deixa de ser o resultado de ato do artesão, que nele imprime a marca de sua personalidade. A psicotécnica adota medir certas dimensões psíquicas através de minucioso exame de objetos feitos a mão, nos quais a pessoas, inconscientemente, registra suas intenções e desejos e revela sua linha de comportamento.

Outra fonte de recurso, atualmente, vem do Fórum, especificamente do Juizado Especial de Pequenas Causas Criminais de Corumbá. Nos “pequenos crimes”, as pessoas que tem posses o Juizado determina a doação de um valor, hoje um salário mínimo em duas vezes, a algumas instituições inscritas no Fórum, que é o caso da Casa do Massa Barro, a qual mensalmente manda documentação para não perder a inscrição, bem como presta contas ao Fórum sobre a utilização do recurso recebido.

Os trabalhos desenvolvidos pela Associação é principalmente arte em cerâmica, feita de argila. Segundo, Maria Alice Porto Rossi<sup>(38)</sup>, em seu trabalho “A Cerâmica”, a cerâmica é uma das mais antigas atividades que a civilização criou. Desde o domínio do fogo o homem deixou vestígios de utensílios de cerâmica, embora não se sabe ao certo quando foi utilizado pela primeira vez o material argiloso. Assim, a Cerâmica é uma atividade que se mantém inalterável, até hoje, onde seus principais fundamentos são: obter a argila - processar - moldar - secar – queimar:

---

<sup>(38)</sup> ROSSI, Maria Alice Porto. A CERÂMICA. ([www.portorossi.art.br/a\\_ceramica.htm](http://www.portorossi.art.br/a_ceramica.htm) 6ou/2005)

Cerâmica é a denominação comum a todos os artigos ou objetos produzidos com argila e queimados/assados ao fogo. O nome procede da palavra grega *keramos* (grifo meu) que significa argila. Toda uma região de Atenas tinha esse nome em função dos ceramistas que lá residiam - *kerá - meikos* (grifo meu). A transformação do barro em cerâmica acontece durante a queima. Na primeira queima a água que existe na argila se evapora, isto ocorre aproximadamente aos 400°C. Em seguida ocorre a eliminação da água química, entre os 450° e 700°C . A argila torna-se anidra, comumente chamada de metacaolím. Aos 830°C transforma-se em alumina gama e aos 1.050°C em mulita. Quando a argila é queimada e torna-se firme, em sua primeira queima obtêm-se o chamado biscoito, que apesar de não mais voltar ao estado plástico ainda possui características frágeis, pois se cair no chão ou levar uma pancada mais forte, quebra-se em muitos pedaços.

[...]

Amassar e Bater o barro. O trabalho com argila requer que esta seja bem amassada com as mãos, ou mecanicamente, para compacta-la, homogeneíza-la e eliminar todas as bolhas de ar existentes em seu interior. As bolhas fazem com que a peça exploda dentro do forno durante a queima do biscoito, podendo também provocar rachaduras nas peças no período de secagem. Pode-se também amassar o barro numa superfície plana repetidas vezes – quando muito molhado/úmido a superfície pode ser uma placa de gesso ou estar recoberta com papel tipo jornal para a retirada da água em excesso. Não se deve esquecer que Bater o Barro é uma etapa do processo de preparação dele e que não pode deixar de ser realizada.

O aspecto exterior da cerâmica pode ser variado, porém sua ESSÊNCIA É UMA SÓ : TERRA ou seja ARGILA.

A argila como síntese, simboliza a própria matéria, pois segue o ciclo dos antigos gregos: TERRA - ÁGUA - AR – FOGO.

Foto 9 – Forno com peças para queimar



Fonte: Rosângela Carla de Oliveira Müller em 25/10/2005

A argila da Casa do Massa Barro atualmente é fornecida pelas olarias da região (antes iam buscar de canoa na margem oposta do rio Paraguai, o que era muito perigoso). As olarias fornecem a argila, mas a associação paga o frete de transporte. A argila fornecida são de tijolos quebrados (antes de passar pelo forno) que seriam jogados fora, porque depois que passa pelo forno se transforma em cerâmica. O próprio artesão confecciona os seus acessórios para trabalhar, mas alguns precisam ser comprados, como o arame e a lixa de unha de metal.

As peças confeccionadas têm boa aceitação tanto por turistas brasileiros como por turistas estrangeiros, principalmente por serem sobre os motivos pantaneiros, tais como a flora e fauna. Com a argila as crianças e adolescentes, artesãos na entidade, modelam exemplares com riqueza de detalhes: são figuras de tuiuiús, garças brancas, jacarés, capivaras, araras, tucanos e onça-pintada, difundidas e valorizadas até na Europa. Tem também a imagem de São Francisco estilizada e a imagem de Nossa Senhora do Pantanal.

Foto 10 – Peças mais vendidas



Fonte: Rosângela Carla de Oliveira Müller em 25/10/2005

Nossa Senhora do Pantanal é a Virgem Maria, é a Senhora “de todos nós” por que simplesmente é a mãe de Jesus, declara Dom Milton Santos, Bispo Diocesano em documento datado de 16 de setembro de 2001 (ver anexo). Ida Sanches Monaco relata que desejosa em homenagear a mãe de Deus Maria, ela (Ida Sanches) buscou inspiração e “criou” uma imagem singela de Maria que representasse a gratidão desse povo simples e abençoado, sendo batizada pelo ‘benfeitor’ Gabriel Vandoni de Barros de Nossa Senhora do Pantanal. Isso ocorreu em 04 de outubro de 1982. O modelo padrão, segundo Dom Milton revela os traços de Nossa Senhora Aparecida:

[...]

O modelo padrão revela os traços de Nossa Senhora Aparecida. A Virgem Morena está de pé, feições finas, mãos postas sobre o peito, toda envolta em manto bordado com folhas e flores de camalotes nas cores verde e lilás. Traz sobre a cabeça uma linda coroa das pequenas folhas e flores de camalotes. Os três botões de flores que se sobressaem às folhas do camalote sobre a cabeça simbolizam o íntimo relacionamento da Virgem Maria com as Pessoas da Santíssima Trindade: Filha predileta do Pai; Mãe de Jesus e Sacrário do Espírito Santo.

[...]

[...] tem aos pés da Santa uma cortina de camalotes e um par de sandálias, uma sobreposta a outras. Das rendas de camalotes surge a moura Senhora do Pantanal. O par de sandálias deixa aos pés de *Nossa Senhora* as “*lendárias sandálias do Frei Mariano*”, símbolo de um lamentável estado de culpa do povo por se sentir incapaz de defender o missionário de calúnias e maus tratos. A “*praga do Frei Mariano*” é um estigma que ainda está presente em algumas mentes. Oficializar o título de *NOSSA SENHORA DO PANTANAL*, aos 21 de setembro de 2001 – aniversário da Cidade de Corumbá e início da Primavera – significa iniciar um novo tempo de bênçãos divinas no Terceiro Milênio e fortalecer a *auto-estima* de todos os corumbaenses em sua história.

[...]

A Virgem Maria, sob o título de “*NOSSA SENHORA DA CANDELÁRIA*”, é padroeira da Cidade que nasceu como “*Santa Cruz de Corumbá*”. Estamos também declarando, aos 21 de setembro de 2001, “*NOSSA SENHORA, A PADROEIRA DO PANTANAL*” – o maior parque ecológico do mundo [...]

As peças são confeccionadas em função das peças mais procuradas, mas os artesãos fazem um pouco também daquelas que não são muito procuradas. Os trabalhos mais procurados são: Nossa Senhora do Pantanal, São Francisco, onça, tuiuiú e o jacaré. Os artesãos trabalham também por encomenda, em se tratando de pássaro ou outro animal,

mesmo que não seja típico da região, se as pessoas fornecem uma foto, alguma imagem de revista ou coisa parecida eles conseguem reproduzir.

Quem faz o atendimento aos turistas são os artesãos mais velhos ou a Diretoria, que são a Ida e a Josephina (voluntárias) e o Carlos (também voluntário) na Tesouraria. A divulgação dos trabalhos é feita pela mídia local (televisão e jornal). O turista, segundo a Associação, adquire os trabalhos porque associa com a região, acha bonito, o preço é acessível e é uma forma de estar levando uma lembrança da região. O preço das peças é baseado no trabalho, no tempo que se leva para a peça ser feita (a mão-de-obra), mais os custos dos materiais. Segundo a Associação, não se perde, é um preço bom, pois o objetivo principal não visa o lucro e sim acolher os meninos para que eles não fiquem na rua, tendo em vista que o bairro, embora já tenha melhorado, ainda é foco de drogas.

Embora a Casa Massa Barro esteja no roteiro turístico da cidade, os guias muitas vezes não seguem esse roteiro, fazem um roteiro diferente, de forma a se beneficiar. Isso ocorria principalmente no período em que o turismo na Bolívia estava no auge. Para resolver a situação foi feito um editorial expondo o que estava ocorrendo, o que fez com que eles voltassem a cumprir o roteiro estabelecido. Outro problema enfrentado é com relação aos guias de outros Estados, em especial do Rio de Janeiro, que querem “exigir” brindes, escolhendo as peças mais caras, até por ignorar a forma de funcionamento da Associação.

A matrícula na Casa do Massa Barro é feita pelos próprios meninos, onde são exigidos alguns documentos, antes não se exigia nada, como narra o Carlos:

[...]

quando a mãe vem aqui... raramente aparece uma mãe... quem faz as próprias matrículas são eles... aí tem uma questão aí... então, no início tinha que pegar eles “à laço”, viu... era só mau elemento que freqüentava aqui. [...] todos esses maus elementos aos poucos foram colocados pra fora, viu... [...] então nós procuramos pegar somente os meninos de 9 aos 14 ou 16 anos, viu... maior dessa idade nós não pegamos mais. Porque esses daí você dá jeito, eles melhoram...

[...]

Pra eles fazerem a matrícula nós exigimos a certidão de nascimento, uma conta de luz... a de luz porque tem CEP...a de água não tem... e uma declaração do colégio em que eles estejam matriculados... tem que estar matriculado e freqüentando (ênfatisa)...

[...]

Antigamente não exigia nada, depois passou a exigir...

Ida e Josephina são as únicas remanescentes do curso de artesanato dado pelo

Inkra de Campo Grande, à época, como relata Carlos:

[...]

Aí vinha um funcionário deles, trazia a “Maria do Barro”... ela é nortista mas morava em Brasília... se ainda tá viva mora lá, viu... ela que veio dar o curso. [...]

... parece que eram 21 senhoras da sociedade. Ela ministrou o curso aqui ao lado ... [...] depois que ela deu o curso, ela pediu, né... era só senhoras... que essas senhoras dedicasse a ensinar o que elas aprenderam aos meninos carentes. Dessas 21 senhoras apareceram 3: a D. Ida, a Josephina e uma Miranda... o sobrenome é Miranda. Mas essa de sobrenome Miranda ela queria ganhar... como é que ia pagar se aqui não tinha dinheiro nenhum, começou do zero. Então ficou voluntárias D. Ida como Diretora e Josephina Vice-Diretora. Houve eleição, desde essa época, cada dois anos tem eleição, só concorre quem é matriculado aqui [...] quem é matriculado aqui no Massa Barro.

Segundo Carlos os jovens artesãos, pelo trabalho realizado no Massa Barro, já decoraram carros alegóricos de escola de samba do Rio de Janeiro, a convite de Joãozinho Trinta, tendo como tema a natureza. Carlos relata ainda a importância da Associação na vida dos meninos:

[...] olha, se eu não disse prá você... esta casa pode ser considerada a primeira... esta aqui é uma associação... isto aqui não é uma pequena empresa não, é uma associação artesanal sem fins lucrativos, viu... pode ser... Eu considero a primeira associação do Mato Grosso... que previne os meninos que seriam da rua e da marginalidade... não é o que “eles” fazem... hoje em dia “eles” deixam “os caras” entrar, viu... ficar na rua, entrar na marginalidade e depois quer endireitar, aí não tem mais solução. Pela minha experiência, um ou outro pode ser que escape, viu... mas esta foi a primeira, eu acho que é a única também que existe, viu... ela é de prevenção.

[...] ... e esses 80% (da venda das peças) auxilia muito a família... [...] quer dizer, isto estimula a eles, porque eles recebem sobre o trabalho. Agora, se eles freqüentassem... (...) se eles chegassem aqui sete e meia, na hora que abrisse e fosse embora onze horas eles iam produzir “prá xuxu”... mas eles são voluntários também, viu...

Lourival Moraes de Fernandes, formado em Pedagogia e atuando na área, nos relata como foi seu início na Casa, da falta de apoio dos órgãos de governo aos trabalhos

desenvolvidos, sobre os trabalhos desenvolvidos com as crianças, destacando que as mesmas têm família. O objetivo, segundo ele, é ‘prá que elas amanhã, não estejam nas ruas’:

Meu nome é Lourival Moraes de Fernandes, tenho 32 anos... tem 22 anos já que eu freqüento a Casa do Massa Barro. Prá mim poder vir pra cá... e de início a minha opção foi mais pelo artesanato mesmo, coisa que eu já me identifiquei desde pequeno... gostei de ver...já gostava de desenho, né... então o lugar foi bastante propício, porque ficou perto da minha casa, então facilitou muito a minha vinda pra cá. Aí um período eu estudava outro período vinha pra cá... até 16 anos mais ou menos [...] ... passei a freqüentar período integral, mesmo assim não deixei de estudar, né... continuei fazendo outros cursos, fiz curso de guia de turismo, outros cursos também pelo SENAC. Aí fui me especializando na área de cerâmica mesmo... eu me considero assim um profissional com a cerâmica, com o artesanato... mas com relação ao trabalho social que a gente vem desenvolvendo, eu por estar aqui desde o começo, vendo as dificuldades, sabendo os caminhos que a gente vem percorrendo, as situações adversas que acontecem do dia-a-dia, eu fui me dedicando também pra esse lado social, ajudando tanto a Diretora, a Vice-Diretora, no caso o Tesoureiro também... então, por estar a mais tempo assim junto com pessoal já que vem desenvolvendo este tipo de trabalho, eu continuei freqüentando. Poderia ter deixado de freqüentar... assumir uma outra profissão, guia de turismo mesmo, então estar dando aula... agora como formado em pedagogia... estou dando aula em período integral. [...] Eu trabalho com pré-escola, pré 1,2 e 3 e... isso (a Casa do Massa Barro) foi muito importante também pra mim na minha formação... primeiro por estar trabalhando com artes e jovens, então facilitou muito a “facilidade” que eu tenho pra trabalhar dentro da área, não fugiu naquilo que eu venho... [...] quando eu vim pra cá tava no começo do projeto ainda, tava bem recente, tinha menos de um ano... aliás, era uma época até da fundação da associação... então como já tinha alguns artesãos que entendiam de artesanato... então fui me espelhando naquelas pessoas, [...] nunca tive um curso específico [...] na verdade quando passamos pras crianças são técnicas, depende muito de cada criança...

... o ponto “x” que eu acho assim que é ponto forte daqui é a criatividade das crianças, a criatividade, a força de vontade... infelizmente nós não temos muito apoio... falta apoio, incentivo material... falta... às vezes, é um incentivo por órgãos municipais... deveriam participar mais... além do mais eles conhecem o projeto, sabe como é que funciona e por ser uma associação independente, acho que às vezes preferem fundar uma nova entidade, incentivar uma outra coisa, é... do que apoiar o que já está em andamento. Por exemplo, quando nós colocamos o artesanato pras crianças a gente não quer dizer que está tirando as crianças da rua, nós não ‘tamos’ fazendo isso... nós estamos trabalhando as crianças pra que amanhã ou depois não estejam na rua... porque é fácil falar que é menino de rua, menino carente, mas tem que ver outros aspectos que tem essa criança. Ela tem casa?Tem. Tem pai, tem mãe... tem sua família... [...] ela estuda... não quer dizer que ele está na rua ela esteja jogada e a gente vai lá e acolhe a criança, né... as crianças vem espontaneamente, não tem obrigação de ficar, não temos horário pra que eles entrem ou saiam... [...] Hoje, como sempre o governo diz em incentivo, falam que vão apoiar... principalmente em época de eleições, época política... vem, conversam, faz filmagem, faz propaganda do estabelecimento, da instituição, mas na verdade depois que são eleitos, né, quando a gente pensa em cobrar alguma coisa eles fogem, né... muda de assunto, fala que tá vindo recurso, ou fala que tá tendo um novo projeto que vai ser pra artesão, para as crianças... quando na verdade não vem incentivo nenhum... a gestão passa, fica ‘pro’ próximo... o próximo, com isso já tem 23 anos a “casa”... [...] poderia funcionar melhor se tivesse incentivo e apoio...

As formas de aprendizagem estão dentro daquilo que se entende por artesanato, segundo texto elaborado pelo Projeto Experimental Artesanato da Escola de Belas Artes da UFMG/2001(**Arte & Artesanato**), ou seja:

[...] o artesanato é prático, sendo informal sua aprendizagem. O que o artesão faz, cria-o ele próprio ou aprender(sic) na tenda artesanal da família ou do vizinho, observando como este fazia, pela vivência e pela imitação, vendo-o trabalhar. Não se receber(sic) aulas teóricas; aprende-se a fazer, fazendo; pratica-se porque quer; age-se voluntariamente. Vai daí o acentuado cunho pessoal do trabalho artesanal [...]

Ricardo Alexandre Moraes de Fernandes, nasceu em 18/ago/1977, em Corumbá, começou a trabalhar na Casa do Massa Barro há mais de 15 anos, hoje com 28 anos e cursando segundo ano (4º semestre) em Administração. Seu pensamento em relação à Casa é que é um local onde se propicia a criatividade, dando uma profissão a quem está menos favorecido. Espera que a Associação continue, dando assistência às crianças e adolescentes, tirando-os da rua e da marginalidade. Ele relata como começou e como é o aprendizado:

[...]

Comecei a trabalhar aqui mais de 15 anos, era praticamente uma criança que... eu vinha acompanhar o meu irmão mais velho, ele vinha e às vezes eu vinha junto porque não tinha muita coisa que fazer em casa, ou coisa parecida, às vezes eu resolvia acompanhá-lo. [...]

Porque era pra acompanhar meu irmão mesmo, porque se não viesse pra cá não sabia o que fazer... ia tá na rua... brincando... não sei... em beira de rio pescando...

[...]

A princípio quando a gente começa a trabalhar a aqui, tem uma pequena orientação das pessoas que estão há mais tempo na casa. A gente simplesmente senta do lado e vai observando como que é feito cada trabalho, aí as pessoas dão algumas orientações básicas onde a gente aprende aqui o manejo né, inicial... e depois é colocado em prática assim a nossa criatividade. A criança desde cedo já começa a colocar em prática a criatividade dele... porque a gente é livre pra fazer o trabalho que quiser, a quantidade que quiser, o tamanho... não tem um trabalho padronizado pra seguir.

[...]

Aqui no começo ele vai fazer um pouco de tudo, aquele trabalho que ele se identifica mais, tem mais afinidade, aquilo ali que ele vai aperfeiçoando cada vez mais. Pode ser pássaro, pode ser qualquer animal, ou qualquer imagem sacra que a gente trabalha aqui também.



Foto 11 - Artesão Ricardo trabalhando na Casa do Massa Barro



Fonte: Rosângela Carla de Oliveira Müller em 24/10/2005

Temos nesta foto, da esquerda para a direita, a seqüência do trabalho: o “barro”, peça sem queimar; peça “queimada”, e peça pintada.

O Massa Barro, por falta de espaço físico, não trabalha com estoque das peças, tudo o que é confeccionado é vendido. Já foi pensado em se fazer um acervo fotográfico das peças, principalmente das peças mais difíceis de confeccionar, mas tal projeto não chegou a ser realizado. Segundo o artesão Ricardo, ao ser indagado sobre a possibilidade de perda deste registro da peça, afirma que ocorre muito pouco, pois, com a memória do artesão que ainda pode estar atuando no Massa Barro, ou, também com a descrição da peça é possível reproduzi-la:

Ocorre, mas é muito pouco. Se a pessoa explicar mais ou menos como que ela quer o trabalho a gente faz. Às vezes... quando o artesão tá aqui... é que às vezes o artesão passa pouco tempo aqui, fica alguns anos depois sai. Mas se o artesão tiver aqui, ele lembra, ele consegue fazer de novo, mesmo que tenha sido há muitos anos feito e deixado hoje em dia de fazer.

Não há concorrência em Corumbá com os trabalhos do Massa Barro, pois, embora possa haver trabalhos similares, estes trabalhos são desenvolvidos apenas com intuito social,

não há comercialização. Entretanto, sabe-se que em outras cidades do Estado existe desenvolvimento de trabalho similar ao Massa Barro, como o artesão Ricardo relata:

Bom, em termos de concorrência, eu acho.. aqui em Corumbá não afeta nada. Porque tem alguns trabalhos também sociais aqui em Corumbá que trabalham nesta área, mas só que exclusivamente voltado para o trabalho social, não tem parte comercial... então a gente não tem concorrência. Mas em outras cidades a gente sabe que a concorrência vem aumentando... porque quando há alguns anos atrás vieram pessoas interessadas em alguns artesãos daqui para dar cursos e... só... que eram cursos a princípio de nível serviço social... só que eles viram que... que poderiam vir algum retorno financeiro em cima disso. Começaram a trabalharem cima disso. Um exemplo disso é o artesanato de Miranda, de artesanato de cerâmica, que eles fazem hoje em dia... é uma concorrência pra nós.

Em termos de identificação dos trabalhos através de embalagens chegou a ser estudada a possibilidade mas não era viável considerando que o custo seria muito alto. O que é utilizado hoje para embalagem das peças são caixas de papelão e papel higiênico.

Os irmãos Ricardo (estudante de Administração) e Lourival Moraes de Fernandes (Pedagogo), e o primo Valdenir Maciel Delgado (formado em Matemática) continuam a fazer parte do Massa Barro como artesãos. Os demais integrantes, que já concluíram o ensino médio, se sentem estimulados a fazer uma faculdade.

Para Ricardo o Massa Barro tem importância fundamental na vida das crianças da região, como se pode observar em seu depoimento:

Levando-se em consideração se... é um trabalho onde a gente vê um retorno pra gente não só financeiro, mas é quanto a questão social. Eu acho que aqui essa casa... teve um... teve um grande desempenho nesta questão social... que ela tá dando uma ocupação hoje para criança e adolescente aqui dessa região. Não simplesmente dando um trabalho pra ele, mas é de fato uma formação, porque hoje nós temos muitas crianças trabalhando aqui que poderia estar na rua até mesmo fazendo coisas que não deviam.

De 1998 até ago/2005 já foram realizadas um total de 827 inscrições pela Associação, dando uma média de 103 por ano. O ano que houve o maior número de inscritos foi de 1999 com 131 inscritos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Corumbá é um pólo turístico, um local rico em história, cultura, lazer e natureza. Tem atrativos para ser visitado o ano inteiro, com pontos turísticos maravilhosos, tais como o Casario do Porto, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional em 1992; o Cristo Rei do Pantanal, uma imagem de 12m de altura localizada no alto do morro do Cruzeiro; a Estrada Parque, com seus 120 quilômetros, onde se pode ver, aves, mamíferos e jacarés; os fortes Coimbra (acesso apenas de avião e/ou barco) e Junqueira (situado dentro do quartel do 17º Batalhão de Caçadores); e, as casas de artesanatos (da Escultora, do Artesão, e do Massa Barro). A exuberância da fauna e flora pantaneira se torna fonte de inspiração para artistas locais que geram riquezas do artesanato da cidade. Suas atividades festivas ocupam seis meses do ano com: Carnaval, Festival América do Sul, Banho de São João, Feira Agropecuária, Festival do Pantanal e Festival Gastronômico. Mas Corumbá tem também os problemas que afligem o mundo em geral. Como foi dito por Ruitter Cunha de Oliveira, tem os problemas comuns às cidades brasileiras do seu porte, entre outros, tais como: concentração de renda, alto índice de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza, elevado nível de desemprego, acesso aos programas sociais não disponíveis a toda a população, e considerável número de crianças nas ruas. Uma situação que acaba, constata Ruitter, criando uma possibilidade de marginalização, gera alto índice de violência de jovens no município

(ganguês), índice alarmante de prostituição infantil e violência urbana e rural, e alto consumo e comercialização de drogas no município.

A Casa do Massa Barro, um Projeto de associação artesanal em cerâmica com 23 anos de existência, dentro do que se propôs como vimos no trabalho, demonstrou que deu certo. Surge como uma proposta de inclusão social à medida que através do artesanato proporciona às crianças, de uma maneira geral, tirá-las da rua e da marginalidade, colaborando assim com a comunidade ao lhes dar uma profissão (artesão) e uma ocupação. Possibilita aos seus associados melhores condições de vida e atua contra o desemprego, um dos problemas enfrentados pelo município.

Isto vem de encontro com o “núcleo conceitual” do desenvolvimento local, como está enfatizado em nosso referencial teórico, que consiste essencialmente no efetivo desabrochamento das capacidades, competências e habilidades de uma “comunidade definida” (portanto com interesses comuns e situada em determinado território ou local com identidade social e histórica), no sentido de ela mesma se tornar paulatinamente apta a agenciar e gerenciar (diagnosticar, tomar decisões, planejar, agir, avaliar, controlar, etc.) o aproveitamento dos potenciais próprios, assim como a “metabolização” comunitária de insumos e investimentos públicos e privados externos, visando à processual busca de soluções para os problemas, necessidades e aspirações, de toda ordem e natureza, que mais direta e cotidianamente lhe dizem respeito.

Como foi relatado pelos integrantes da Associação poderia ser melhor, pois só com os 20% (vinte por cento) dos associados para manutenção e a ajuda do Juizado Especial de Pequenas Causas Criminais de Corumbá é muito pouco. Sua atual Diretoria teme pelo futuro da Associação. Eles reclamam que anteriormente já encaminharam projetos e nunca obtiveram nenhuma resposta. As instalações precisam de reformas para amenizar o calor,

como instalações de janelas prá melhor ventilação, e ajuda para compra de materiais para as peças de artesanato que são caros.

Como já foi dito anteriormente, dentro daquilo que a Associação se propôs, ela cumpriu seus objetivos e muito bem. Tem associados (artesãos) com nível superior concluído e em conclusão. Mas há uma preocupação dos seus fundadores sobre a sua continuidade. Sabemos que a Casa do Massa Barro, enquanto cultura, faz parte da tradição. Mesmo que deixe de existir como ‘Casa do Massa Barro’, vai continuar existindo mesmo com a ausência dos fundadores, será passado para as futuras gerações, vai continuar se manifestando de outra forma. Mas, para continuar existindo como esta Associação instituída será preciso buscar alternativas para o crescimento e fortalecimento da atividade artesanal, num esforço de dar tratamento empresarial para o setor, tais como:

- 1) Estimular o empreendedorismo nos artesãos que precisam encarar a atividade como um negócio;
- 2) Criar uma ‘marca’ para identificar e dar um diferencial às peças, tornando-as únicas;
- 3) Criar uma etiqueta que identifica o artesão, a história e a matéria prima da peça;
- 4) Capacitação dos artesãos sobre a organização da produção: cumprir prazos, oferecer produtos de qualidade, a embalagem (preocupação com a logística do transporte, pois o produto terá de chegar às mãos do comprador da mesma forma como foi embalado pelo artesão), apresentação e comercialização dos produtos;
- 5) Adquirir e desenvolver a cultura exportadora: contextualização, conhecer os procedimentos, quais os incentivos e financiamento do negócio;
- 6) Criar um *site* para comercializar as peças;
- 7) Aquisição de um computador;

- 8) Aquisição de uma máquina fotográfica digital;
- 9) Criar um banco de dados para acervo fotográfico das peças;
- 10) Criar um banco de dados onde serão armazenadas todas as referências dos associados (artesãos): pessoais e de produção;
- 11) Fazer parcerias com SEBRAE, SENAI e outros afins para o desenvolvimento técnico dos associados, bem como promoção e fortalecimento da Casa do Massa Barro;
- 12) Buscar apoio na sociedade em geral e no Governo (Lei de Incentivo à Cultura).

## REFERÊNCIAS

- Arte & Artesanato*. Projeto Experimental Artesanato da Escola de Belas Artes da UFMG/2001. (<http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/26marco.html> em 10/ago/2005)
- ÀVILA, Vicente Fideles de. Pressupostos para Formação Educacional em Desenvolvimento Local. In: *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Vol. 1, N° 1, Set. 2000, p.63-76. Campo Grande: UCDB.
- BARROS, Maria Cristina Lanza de (Organização). *ATLAS: Inclusão/Exclusão Social*. ISBN:85-7613-057-2. Corumbá:UFMS, 2005.
- BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo/SP: Perspectiva:2000, 4ª Edição.
- BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado – elementos para uma teoria psicológica da religião*. 2ª Edição, São Paulo: PAULUS, 1985.
- BNDES - Banco Federativo - Municípios em Dados - ([www.federativo.bndes.gov.br/f\\_bdg.htm](http://www.federativo.bndes.gov.br/f_bdg.htm)) em 08/jun/2005
- BOISIER, Sérgio. Sociedad del conocimiento, conocimiento social y gestión territorial. In: *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local* (03) setembro de 2001, p.9-28.
- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. 5ª Edição, ISBN 85 08 01271 3, São Paulo/SP: ÁTICA, 1995
- BOURLEGAT, Cleonice Alexandre Le. Ordem local como força interna de desenvolvimento. In: *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local* (01), setembro de 2000, p.13-20.
- Brasil – Mato Grosso do Sul. ([www.portalbrasil.eti.br/estados\\_ms.htm](http://www.portalbrasil.eti.br/estados_ms.htm)) em 2/set/2005
- CHRISTOFOLETTI, Antônio. As Perspectivas dos Estudos Geográficos. In: A. Christofolletti (ed). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo, Difel, 1985. ([\\ivairr.sites.uol.com.br/tuan.htm](http://ivairr.sites.uol.com.br/tuan.htm)) em 15/fev/2005.
- CORREA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira: o Sul de Mato Grosso: 1870-1920*. Campo Grande: UCDB, 1999.
- Corumbá/MS. Site do município: <http://www.corumba.ms.gov.br/> - ano 2005
- Corumbá – Mapas. ( [www.mapasturisticos.com.br](http://www.mapasturisticos.com.br) em 29/ago/2005)

- Corumbá: Histórico.( <http://www.corumba.com.br/historico.html> em 17/jun/2004 )
- Corumbá: Pontos Turísticos.([www.corumba.com.br/english/pontos.html](http://www.corumba.com.br/english/pontos.html) em 17/jun/2004)
- Corumbá: Vistas ([www.corumba.com.br/vistas/vistas\\_corumba.html](http://www.corumba.com.br/vistas/vistas_corumba.html) em 02/set/2005)
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru:EDUSC, 1999.
- FEIJÓ, Maria Cristina and ASSIS, Simone Gonçalves de. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. *Estud. psicol. (Natal)*, Abr 2004, vol.9, no.1, p.157-166. ISSN 1413-294X(<http://www.scielo.br/> em 28/out/2005)
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- HERMET, Guy. *Cultura e Desenvolvimento*. (Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne). Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- ITO, Claudemira Azevedo. *Corumbá: o espaço da cidade através do tempo*. Campo Grande/MS:UFMS, 2000.
- KASHIMOTO, Emília, MARINHO, Marcelo e RUSSEF, Ivan. *Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento*. In: Interações- Revista Internacional de Desenvolvimento Local (04) março de 2002, p. 35-42.
- KLIKSBERG, Bernardo. *Falácias e mitos do desenvolvimento local*. São Paulo/DF:Cortez Editora/UNESP, 2001.
- LACERDA JÚNIOR[i], Benjamin de. *Algumas Reflexões Sobre as Relações de Poder e o Uso do Território no Município de Rio Verde – GO, 2004*. ([http://www.cibergeo.org/agbnacional/VICBG-2004/Eixo1/e1\\_contsn1.htm](http://www.cibergeo.org/agbnacional/VICBG-2004/Eixo1/e1_contsn1.htm))
- LANGER, Susanne K. *Sentimento e Forma*. São Paulo/SP: Perspectiva, 1980.
- LEITE, Fernando. *Corumbá – Histórica e Turística: 1778/1978*. Rio de Janeiro:PRIMOR, 1978
- LISBOA, Josefa Bispo de. *Territorialidade do Associativismo Rural: estratégias e formação de espaço público*. NPGeo/UFS [Jobilis@ig.com.br](mailto:Jobilis@ig.com.br). Orientadora Profa. Dra. Alexandrina Luz Conceição.
- MARIANO NETO, Belarmino. *Geografia Cultural e Construção do Indivíduo Liberal*. Jun/2004. ([essencialismo@fenomenologia: Geografia Cultural e Construção do essencialismo.blogs.sapo.pt/arquivo/178390.html](http://essencialismo@fenomenologia:GeografiaCulturaleConstrucao.doessencialismo.blogs.sapo.pt/arquivo/178390.html))
- MENEZES, Deise Matos do Amparo and BRASIL, Kátia Cristina T. Dimensões psíquicas e sociais da criança e do adolescente em situação de rua. *Psicol. Reflex. Crit.*, 1998, vol.11, no.2, p.327-344. ISSN 0102-7972, (<http://www.scielo.br/> em 28/out/2005)
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis:RJ. Editora Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, Ruitter Cunha de Oliveira. *Plano de Governo*. Corumbá:MS, 2004.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. 5ª Edição; São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- Pólos de Ecoturismo Sul/Centro-Oeste: ([www.terra-planejamento.com.br/polos/sulco/bodoquema.htm](http://www.terra-planejamento.com.br/polos/sulco/bodoquema.htm) em 17/jun/2004)



PESAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares malditos. *Rev. bras. Hist.*, Set 1999, vol.19, no.37, p.195-216. ISSN 0102-0188. (<http://www.scielo.br/> em 28/out/2005)

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. ([www.pnud.org.br](http://www.pnud.org.br) em 03set2005)

RIBEIRO, Miguel Angelo Campos, e MATTOS, Rogério Botelho de. Territórios da Prostituição nos Espaços Públicos da Área Central do Rio de Janeiro. *Revista Território*, 1 (1), 1996, p. 60-76.

RMTOnline: turismo. (<http://rmtonline.globo.com/ms/turismo/turismo.htm> em 17/jun/2004)

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica, geografia cultural*. 2ª Edição, Rio de Janeiro: ED UERJ, 2002.

ROSSI, Maria Alice Porto. A Cerâmica. ([www.portorossi.art.br/a\\_ceramica.htm](http://www.portorossi.art.br/a_ceramica.htm) em 6/ou/2005)

SANCHES, Juan Eugenio. *Poder y Espacio*. Universidade de Barcelona. ISSN: 0210-0754 Depósito Legal: B. 9.348.-1976, Año IV. Número: 23, Septiembre de 1979. ([www.ub.es/geogcrit/sn-94-60.htm](http://www.ub.es/geogcrit/sn-94-60.htm) em 17/fev/2005).

SEBRAE MS - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Mato Grosso do Sul. Centro de Informações Turísticas e Culturais/Pensão Pimentel – Morada dos Baís Campo Grande/MS ([pensao@ms.sebrae.com.br](mailto:pensao@ms.sebrae.com.br)) ([www.ms.sebrae.com.br/](http://www.ms.sebrae.com.br/)) em 16jun2004

SEPLANCT - Secretaria de Planejamento e de Ciência e Tecnologia do governo do Estado de Mato Grosso do Sul. Banco de Dados do Estado-BDE/MS ([www.seplanct.ms.gov.br/](http://www.seplanct.ms.gov.br/) em Ago/2005).

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência, e a Cultura. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. ([www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br)); ([www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)) em 9/jul/2005.

VIEIRA, Maria do Carmo. *Territorialidade em áreas urbanas*. XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum de Pesquisa 3: “Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação”. Brasília:Jul 2000. (<ftp.unb.br/pub/UNB/dan/F.3-22RBA/sessao1/vieira.rtf> em 23/dez/2004)

XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum de Pesquisa 3: “Conflitos Socioambientais e Unidades de Conservação”.

## **ANEXOS**

**ANEXO A – Ata de Fundação da Cidade de Corumbá**

**ANEXO B – Ata de Constituição da Associação**

**ANEXO C – Declaração: Padroeira do Pantanal**

## **ANEXO D – Recortes de Jornais<sup>(39)</sup>**

---

<sup>(39)</sup> Os recortes de jornais foram fornecidos pela Associação, motivo pelo qual estão sem referências (nome de jornal, data).